



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Paula Anton Vargas

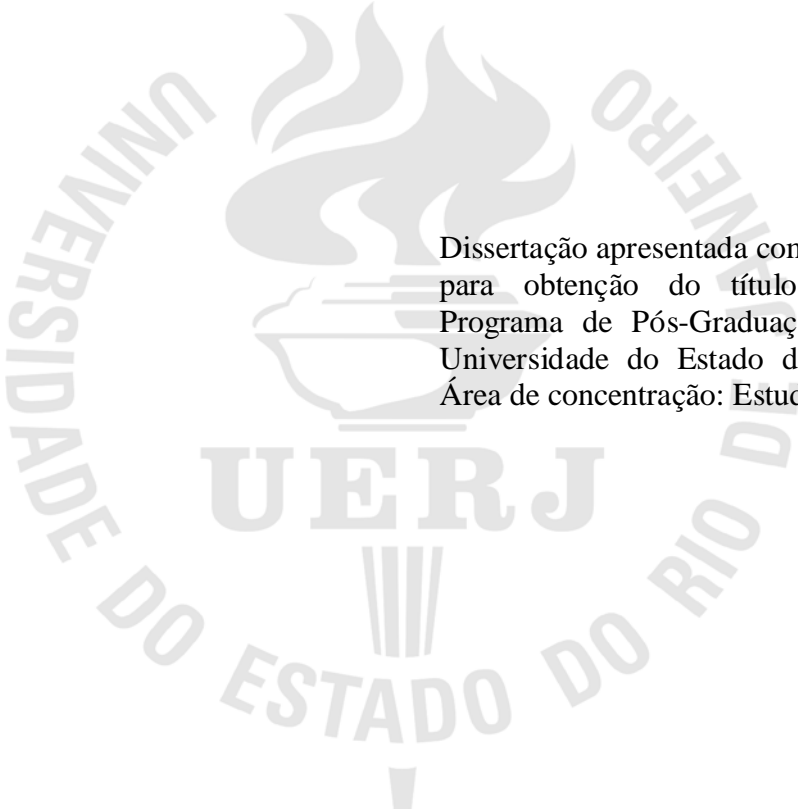
Perspectivas do espaço e suas significações: o papel da inserção do espaço fluminense no final do século XIX, nas obras Memorial de Aires, de Machado de Assis, e O Encilhamento, de Visconde de Taunay

Rio de Janeiro

2018

Paula Anton Vargas

Perspectivas do espaço e suas significações: o papel da inserção do espaço fluminense no final do século XIX, nas obras Memorial de Aires, de Machado de Assis, e O Encilhamento, de Visconde de Taunay



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius Nogueira Soares

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

V297 Vargas, Paula Anton.
Perspectivas do espaço e suas significações: o papel da inserção do espaço fluminense no final do século XIX, nas obras Memorial de Aires, de Machado de Assis, e O encilhamento, de Visconde de Taunay / Paula Anton Vargas. - 2018.
78 f.: il.

Orientador: Marcus Vinicius Nogueira Soares.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Espaço na literatura – Teses. 2. Literatura brasileira – História e crítica – Teses. 3. Rio de Janeiro (RJ) – Na literatura – Séc. XIX – Teses. 4. Assis, Machado de, 1839-1908 - Crítica e interpretação – Teses. 5. Assis, Machado de, 1839-1908. Memorial de Aires - Teses. 6. Taunay, Alfredo d'Escragnoille Taunay, Visconde de, 1843-1899 – Crítica e interpretação – Teses. 7. Taunay, Alfredo d'Escragnoille Taunay, Visconde de, 1843-1899. O encilhamento – Teses. 8. Rio de Janeiro (RJ) – Usos e costumes – Séc. XIX - Teses. I. Soares, Marcus Vinicius Nogueira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paula Anton Vargas

Perspectivas do espaço e suas significações: o papel da inserção do espaço fluminense no final do século XIX, nas obras Memorial de Aires, de Machado de Assis, e O Encilhamento, de Visconde de Taunay

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Literatura.

Aprovada em 20 de setembro de 2018.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marcus Vinicius Nogueira Soares (Orientador)

Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Fátima Cristina Dias Rocha

Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Johannes Kretschmer

Instituto de Letras – UERJ

Rio de Janeiro

2018

RESUMO

VARGAS, Paula Anton. *Perspectivas do espaço e suas significações: o papel da inserção do Espaço Fluminense no final do século XIX nas obras Memorial de Aires, de Machado de Assis, e O encilhamento, de Visconde de Taunay*. 2018. 78 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Este trabalho demonstra uma análise do espaço fluminense ao final do século XIX, a partir de um ideário estipulado por Machado de Assis, em sua obra *Memorial de Aires*, com herança de *Esau e Jacó*, e por Visconde de Taunay, em sua obra *O Encilhamento*. A escolha de ambos os romances se deu graças ao compartilhamento temporal e espacial das narrativas: ambas se desenrolam ao final do século XIX no espaço do Rio de Janeiro. Com esse recorte bastante específico, foi possível analisar o ideário de transformação que permeou a mudança do século, ligada à constante modernização da metrópole e como essas mudanças são transpostos em simbolismos nos dois romances. Para tal análise, a metodologia acerca de espaço de Bourneuf, Dimas, Moretti e Blanchot foi extremamente relevante, demonstrando a necessidade de se estabelecer padrões verificáveis e objetivos para analisar os simbolismos encontrados. A partir da análise dos simbolismos, foi possível elaborar "mapas" que funcionem como esclarecedores de tendências tais como a do sentimento de pertencimento ao Rio de Janeiro, ainda que Aires seja uma personagem que tenha vivido muitos anos fora do Rio. Conforme as observações, há perspectiva ligada à memória e à transformação nas narrativas analisadas, assim como a demonstração de padrões já indicados na fortuna crítica de Machado, como o simbolismo de certos meios de transporte como indicadores de riqueza.

Palavras-chave: Espaço. Século XIX. Machado de Assis. Visconde de Taunay. Rio de Janeiro. Fluminense. Encilhamento. Memorial de Aires. Romance.

ABSTRACT

VARGAS, Paula Anton. *Perspectives on space and its imagery: the role of the Rio de Janeiro's space at the end of the 19th century in Machado de Assis's Memorial de Aires and Visconde de Taunay's O encilhamento*. 2018. 78 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

The present work demonstrates an analysis of Rio de Janeiro's space at the end of the 19th century, based on the imagery stipulated by the outline of Machado de Assis's *Memorial de Aires*, with a literary heritage from the same author's *Esaú e Jacó*, and Visconde de Taunay's *O Encilhamento*. The choice of both novels was due to the fact that they share temporal and spatial characteristics in their narratives: both took place at the end of the 19th century, in the space of Rio de Janeiro. Considering this specific literary choice, it was possible to analyse the transformation ideology that permeated the turn of the 19th century, related to the constant modernization of the metropolis and the ways these changes are transposed into imagery, symbolism, in the two novels. Regarding this analysis, the following literary critics space methodology was extremely relevant, demonstrating the need to establish verifiable and objective patterns to analyse the imagery present in these works. Building on the imagery analysis, it was possible to elaborate maps that act as enlighteners of patterns and tendencies, such as the feeling of belonging to Rio de Janeiro – although Aires is a character that has lived many years abroad, outside Rio and Brazil. According to the observation, there is a perspective linked to memory and transformation in these narratives, as well as the demonstration of patterns already indicated in Machado's well-known critical essays – for instance, certain means of transportation acting as a symbol of wealth.

Keywords: Space. 19th century. Machado de Assis. Visconde de Taunay. Rio de Janeiro. Encilhamento. Memorial de Aires. Novel.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	06
1	A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO	17
1.1	Espaço: do que se trata? – A visão inicial de Bourneuf e Ouellet	17
1.2	Espaço, Ambientação e Descrição – A visão complementar de Antonio Dimas	24
1.3	Geografia Literária, Metodologia de uso de mapas – A visão essencial de Franco Moretti associada a questões práticas de cartografia	28
1.4	Em eterno trânsito: o Espaço como reflexo do imaginário – A visão de Maurice Blanchot	41
2	O ESPAÇO DO RIO DE JANEIRO EM MEMORIAL DE AIRES	44
2.1	A herança de Esaú e Jacó	44
2.1.1	<u>Rio de Janeiro – uma metrópole e suas desigualdades: permanência e afetividade</u>	46
2.1.2	<u>O Interior do Rio de Janeiro e do Brasil – decadência e viagem</u>	49
2.1.3	<u>Grandes cidades brasileiras – uma extensão da grandeza do Rio de Janeiro</u> .	49
2.1.4	<u>Europa como símbolo de distinção</u>	50
2.1.5	<u>O que há além da Europa? O exterior sem detalhes, distante</u>	51
2.1.6	<u>Viagens e deslocamento – nas terras fluminenses e para fora delas</u>	51
2.2	Análise de padrões de Memorial de Aires	67
2.2.1	<u>A relação afetiva com o Rio de Janeiro</u>	67
2.2.2	<u>O interior do Brasil</u>	70
2.2.3	<u>O exterior: Onde trabalhou o Conselheiro? Quais os grandes movimentos da narrativa?</u>	72
3	O ESPAÇO DO RIO DE JANEIRO EM O ENCILHAMENTO	75
	CONCLUSÃO	77
	REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Cabe definir, conforme Moretti, que a geografia literária influencia fortemente a literatura¹ (2003, p. 13), sendo seu objetivo tornar essa relação visível, como os mapas se propõem a fazer: “Tornar explícita a ligação entre geografia e literatura, portanto – mapeá-la: porque um mapa é exatamente isso, uma ligação que se torna visível –, nos permitirá ver algumas relações significativas [...]”. O objetivo pretendido por essa dissertação é o de analisar o espaço em *O Encilhamento*, de Visconde de Taunay², e em *Memorial de Aires*, de Machado de Assis³, abarcando ainda o espaço trabalhado em *Esau e Jacó*⁴, deste mesmo autor, pela relação intrínseca entre os dois romances. A partir de tal análise, ainda pretende-se confeccionar mapas a partir de padrões encontrados nas obras, conforme método similar ao de Moretti, a ser explicitado.

As obras escolhidas abarcam o final do século XIX, período de grande mudança no imaginário dos cidadãos da metrópole do Rio de Janeiro. Primeiramente, em *Memorial de Aires* – obra escrita em 1908, mesmo ano de morte de Machado – acompanhamos as lembranças do Conselheiro Aires em gênero textual de diário – conforme as indicações temporais (entre datas ou citações a manhãs ou tardes, entre janeiro de 1888, ano da abolição da escravatura – sendo esta, inclusive, aludida na passagem “13 de maio” (2012, p. 24), data real da abolição – e aniversário de um ano da aposentadoria de Aires, e setembro de 1889), a fragmentação e a falta de linearidade temporal, entre outras características, inferem a realidade de um homem ao final da vida escrevendo seus relatos, de forma proposital. Conforme Bosi (2007, p. 130)⁵ indica, é a escrita íntima e solitária que abre a possibilidade da sinceridade.

Tal personagem é geralmente neutra em suas asserções e muito bem-vista no papel de conciliador, por isso o título de “Conselheiro”. Nas obras em que aparece, alude à própria neutralidade – como na passagem de “4 de fevereiro”, em *Memorial de Aires*: “Nas duas ou três moléstias que o pequeno teve, a aflição de D. Carmo foi enorme. Uso o próprio adjetivo

¹ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

² TAUNAY, Visconde de. *O Encilhamento: Scenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*. Rio de Janeiro: Moderna, 1894.

³ ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. L&PM Pocket, 2012.

⁴ Id. *Esau e Jacó*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

⁵ BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp. 127-148.\

que ouvi ao Campos, conquanto me pareça enfático, e eu não amo a ênfase” (2012, p.14). É extremo o cuidado, até na análise da linguagem, além da análise das opiniões, para que o Conselheiro seja sábio e neutro. Tal neutralidade é elogiada por ela, por parte de outras personagens, nas obras. Aires viveu como diplomata ao redor do mundo e muitas são as suas reflexões que trazem citações acerca do continente europeu e de sua literatura e expressão artística para o dia-a-dia das personagens.

A sua narração é feita por personagem narrador, não por um narrador onisciente (BOSI, 2007, p. 134), diferentemente do que era comum a Machado de Assis. O foco narrativo varia entre 1ª e 3ª pessoas. A personagem está restrita, porém, ao Rio de Janeiro, em sua velhice. Com a restrição temporal que é cara a essa dissertação, vê-se a importância do período político e econômico para as personagens. A própria personagem principal reflete muitas vezes acerca dos episódios políticos da época, em especial a Proclamação da República e também episódios passados.

Ainda aparecem as personagens Fidélia, moça jovem, considerada como filha para o casal Dona Carmo e Aguiar, casal que não tinha e não poderia ter filhos. Ela se casa novamente com outra personagem que também poderia ser considerada como filho pelo casal, Tristão. Conforme Bosi, este seria outro apadrinhado do casal:

As sucessivas carências de Tristão são supridas mediante o concurso da madrinha solícita, até que um belo dia os pais verdadeiros decidem viajar para Portugal em visita à avó da criança. Tristão quis ir com eles (...) Tristão voltará formado e já certo de uma candidatura às Cortes de Lisboa. (2007, p. 137-8)

Após seu retorno, que instiga a curiosidade e a desconfiança do casal acerca de suas intenções, Tristão teria levado Fidélia para viver consigo no continente europeu, após se formar médico no velho continente, deixando o casal triste, por ficar longe de quem consideravam filhos. *Memorial de Aires*, portanto, pauta fortemente a solidão da velhice, tanto do casal, como do Conselheiro, ainda que fossem amigos e que tivessem familiares próximos.

A irmã de Aires, Rita, também é outra personagem a ser levada em consideração, embora não sirva para alentar a solidão de Aires, dada sua vida em bairro, à época, “excêntrico”: o Andaraí. Os temas de discussão entre as personagens abarcam, além da solidão, as vivências e mudanças entre os mais velhos e os jovens e entre o continente europeu e Brasil, em especial da metrópole do Rio de Janeiro.

Para haver, porém, uma análise mais completa acerca da personagem de Aires e do espaço em que esta e sua irmã, além das outras personagens estão inseridos, optou-se por analisar, rapidamente, a obra *Esaú e Jacó*, que traz, sob outra visão, a personagem de Aires, anteriormente ao lançamento de *Memorial de Aires*, mas já indicando que tal memorial existiria no futuro, em algumas passagens. Conforme Bosi afirma, Aires foi repartido entre as duas obras:

Quanto ao diplomata, é mediador por ofício e resignação. Machado repartiu-o nos seus dois últimos romances. Em *Esaú e Jacó*, Aires personagem não diz tudo o que pensa por “tédio à controvérsia”: ouve mais do que fala e concilia o quanto pode. No *Memorial*, Aires, além de personagem discreta e lateral, é o foco narrativo que tem o poder de comentar, interrogar, julgar a matéria narrada. (2007, p. 130, grifos do autor)

A personagem do Conselheiro aparece em *Esaú e Jacó* para aconselhar famílias da alta sociedade. Já no início do livro, no capítulo XII, quando Natividade e Perpétua visitam a cabocla do Castelo – bairro pobre do Rio de Janeiro – para ouvir suas predições sobre o futuro dos gêmeos que nasceriam de Natividade (posteriormente nomeados Pedro e Paulo), se aconselham com Aires, sobre a possibilidade de os gêmeos realmente terem disputas desde o ventre, conforme dissera a cabocla.

O título do romance, por sua vez, seria extraído do Gênesis, na Bíblia, cuja história de Rebeca, que privilegia um dos filhos – Jacó – e gera uma inimizade entre ambos os irmãos. Ainda assim, Natividade não privilegia um dos filhos, daí a ideia da briga “desde o ventre”. Após crescerem, Paulo se torna republicano e ingressa na carreira de Direito, em São Paulo, enquanto Pedro, monarquista, ingressa na carreira de Medicina, no Rio de Janeiro. Ambos se apaixonam por Flora e a possibilidade de disputa pela moça faz com que Natividade se aconselhe novamente com Aires. O Conselheiro, por sua vez, se aproxima dos meninos e reflete acerca das mudanças do Rio de Janeiro com os gêmeos, que parecem pouco se importar com o passado do Rio de Janeiro, têm preocupações mais imediatistas, no capítulo LXXXVIII, “Não, Não, Não”.

A personagem da “mana Rita” também aparece nesta obra, anterior ao *Memorial de Aires*, e abriga Flora, que estaria indecisa sobre qual dos gêmeos escolher, no capítulo XCIX, “A título de ares novos”. Os gêmeos, que trocam farpas ao longo de toda a vida pelos mais variados motivos, mas, na maioria das vezes por razões políticas, separam-se ao final da obra, após figurarem em lados contrários do governo republicano, mesmo com os pedidos de trégua da mãe, em seu leito de morte, e após jurarem se unir, sobre o túmulo de Flora, em seu enterro.

Os ambientes em que as personagens transitam se repetem com significados bastante delimitados. É neste livro que se demonstra a importância de certas partes do Rio de Janeiro para o pertencimento das classes sociais, suas residências e festas (como o muito lembrado baile da Ilha Fiscal). Será explorada a hipótese se esses lugares são especificamente tratados ou se representam apenas uma área de alta sociedade de uma metrópole.

O foco narrativo se dá em 3ª pessoa, demonstrando maior distanciamento, em relação ao Memorial de Aires, que se desenvolve em 1ª pessoa.

Por fim, cabe indicar que o episódio do Encilhamento, tratado por Machado de Assis em suas obras, tem especial espaço na extensa obra de Visconde de Taunay, inclusive em seu título: *O Encilhamento: Scenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*⁶. Tal episódio é tratado com a descrição da abundância em que viviam os empreendedores a essa época, relacionada à crise financeira posterior, relacionada à especulação e à inflação incentivada pelo Ministro da Fazenda Rui Barbosa. Muitos bancos e empresas quebraram e a moeda brasileira ficou extremamente desvalorizada.

O livro começa com o uso de pseudônimo por parte de Visconde de Taunay – aqui Heitor Malheiros –, uma vez que fora publicado na Gazeta de Notícias, em forma de folhetim. Provavelmente, tal uso se deve ao medo de retaliações, uma vez que a história aponta diversas corrupções financeiras. Ainda assim, toma o cuidado de não utilizar nomes verdadeiros de especuladores, ao contrário do que faz Machado com as figuras políticas da Proclamação da República. A partir do decreto de Rui Barbosa – Ministro das Finanças de Deodoro – de crédito para empreendedores urbanos e industriais, infla-se uma bolha econômica. Não mais existem apenas os latifundiários, mas também os especuladores, novos ricos.

Taunay se refere ao Rio de Janeiro, como “Capital Federal” nos tempos de abundância. São as personagens Laura, seu marido e Luís Menezes que coexistem em um triângulo amoroso. Porém, a narrativa parece apenas passar como pano de fundo para as descrições detalhadas características a Taunay, tanto dos acontecimentos históricos, como dos principais locais, em especial o Centro, referentes à bolsa e às especulações financeiras da época. Há aparente ressentimento em relação aos burgueses, quando comparados com a elite imperial.

O recorte temporal é importante, uma vez que a abolição da escravatura é também vista com maus olhos pela narrativa. Será levada em consideração a hipótese que o recorte do espaço do Rio de Janeiro é crucial, uma vez que é o principal porto escravista da América

⁶ TAUNAY, Visconde de. *O Encilhamento: Scenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*. Rio de Janeiro: Moderna, 1894.

Latina e sua organização depende disso. Com a abolição da escravatura, toda a disposição da cidade começa a mudar.

Essa já era desorganizada anteriormente, conforme Pesavento demonstra (1999, p. 166)⁷: “De capital do Reino Unido à capital do Império Brasileiro, o Rio colonial só teve agravados os seus problemas como maior centro urbano do país, maior porto, maior núcleo de escoamento de produção cafeeira, maior mercado de escravos no país”. A elite começa a propor mudanças higienistas a partir da década de 1870. Essas refletirão nas mudanças eminentes que são motivadas pelo desejo de tornar a cidade semelhante ao moderno europeu na virada do século. É importante analisar na obra de Taunay que os boatos iniciados pelas pessoas relacionadas ao capital são poderosos e as “carreiras”, voláteis, na época do Encilhamento.

A partir da análise das três narrativas anteriormente citadas, foram confeccionados mapas que explicitam seus padrões de análise de espaço, como proposto. Como exemplo de padrão, pergunta-se o que significaria o Exterior (em especial o continente europeu e suas referências, incluindo referências literárias) para o Conselheiro Aires, diplomata, em relação ao lugar que escolhe passar os seus últimos anos – o Rio de Janeiro? A hipótese escolhida é que de a Europa e suas referências no geral, quando comparadas ao Brasil, demonstram ambientes de requinte, luxo, o que não é necessariamente verdade quando se relaciona o Brasil a outros países do exterior, como na Ásia, como veremos adiante no capítulo dedicado a *Memorial de Aires* e a seu antecedente, *Esauí e Jacó*. Também são diversas as citações à literatura europeia, consideradas “cultura”, que diferencia o Conselheiro de outras personagens, como, inclusive, sua irmã, Rita, mais simples e moradora do excêntrico bairro do Andaraí, à época.

Propõe-se, como método para estabelecer os padrões norteadores dos mapas, uma análise de cada uma das três obras escolhidas, com confecção de uma tabela que indique as citações espaciais e suas implicações de juízo para a obra, relatando a página em que foram verificadas, focando principalmente os capítulos das obras para que sejam possíveis análises em trabalhos futuros. São relatadas as áreas a que as citações se referem, separadas em critérios conforme cada obra analisada, a serem dispostos em cada capítulo. A subárea tende a ser um critério mais flexível com fins descritivos, assim como a observação que leva ao estabelecimento dos padrões a serem utilizados nos mapas.

⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Rio de Janeiro: uma cidade no espelho. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

Figura 1 – Exemplificação de parte inicial de tabela colorida de *Esau e Jacó* composta para a análise de cada uma das obras e posterior confecção dos mapas neste trabalho.

Esau e Jacó				
Página	Capítulo	Área	Subárea	Observação
2	1 - Coisas Futuras!	Rio de Janeiro	Centro - Morro do Castelo, Rua do Carmo	As duas vão ao morro do castelo, Rio de Janeiro reconhecido como metrópole. Morro do castelo mal calçado. Movimentado. As moças não pertencem ao local. Casa da cabocla, simples.
2	1 - Coisas Futuras!	Europa (Exterior)	Londres	Comparação entre metrópoles
2	1 - Coisas Futuras!	Rio de Janeiro	Botafogo	Citação rápida sem motivação especial
5	2 - Melhor de descer que de subir	Rio de Janeiro	Centro - Rua da Misericórdia, Rua São José.	Cascas de bananas, camisas penduradas às janelas. Desordem.
5	2 - Melhor de descer que de subir	Rio de Janeiro	Centro - Igreja de São José e Câmara dos deputados	Pegam o coupé, fora do morro, mais rico.
5	2 - Melhor de descer que de subir	Rio de Janeiro	Botafogo	As senhoras moram em Botafogo.
6	3 - A esmola da felicidade	Rio de Janeiro	Centro - Rua São José	Mendigo sobe a rua, quitanda, sobrados, igreja
6, 7	4 - A missa do coupé	Viagem, deslocamento	Praia de Santa Luzia (Av. Antonio Carlos), Largo da Lapa, Catete, Igreja de São Domingos (Saúde)	Viagem de coupé - passagem do espaço para dar realismo, corroborado por notícia sem fonte que "existiu mesmo", viagem dentro da cidade, indicando local de conversa e pensamentos íntimos

Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

Ligada a essa tabela, estará a composição de outra tabela, que indica as implicações das representações espaciais em cada obra e seus padrões.

Figura 2 – Exemplificação de parte inicial tabela colorida de *Esau e Jacó* traçando os padrões observados para posterior confecção de mapas.

Sentidos encontrados para as áreas				
Rio de Janeiro	Europa (Exterior)	Interior do Brasil, ou do Rio de Janeiro	Grandes cidades brasileiras	Viagem, deslocamento
Metrópole, poucos conhecem toda a cidade	Elevado, Requentado, Luxo.	Aparece para introduzir seres não importantes	Recurso para separar os gêmeos entre faculdades de Medicina (RJ) e Direito (SP)	Para dar realismo mostram-se cenas passageiras.
Morro - feio, desigual, simples, senhoras não pertencem a esse lugar	Fonte de Literatura.	Centro de pobreza, menos importante. Como exemplo vem Maricá. Vestem-se bem aqueles que estão ricos na metrópole para que os de Maricá, pobres, saibam. Contraste.	SP para indicar a ausência de um dos gêmeos, enquanto eles ainda cursam a faculdade.	Nos deslocamentos, há o espaço para as conversas, sejam estes a pé, de carruagem, de uma cidade a outra, ou dentro da cidade. Local, ainda, para reflexões.
Figuras heterogêneas do Centro metropolitano - mendigos, igreja, comércio, sobrados	Nomes europeus são requintados, franceses e ingleses, até russos. Conforme o que vem culturalmente, romances	Quando compara-se ao RJ, é pior, representa fracasso, como o primo de Santos, cap 4	O discurso de Paulo acerca da abolição da escravatura que preocupa a mãe é distante, mas importante.	Deslocamento do interior para o RJ = ganhar dinheiro
Figuras de deslocamento para dar realismo à história. Ligação com viagem, deslocamento.	Quando Aires aparece, ainda que do Pacífico é do exterior, então representa requinte na sua descrição inicial no capítulo 12	Distância dos gêmeos. Flora não deseja morar fora do Rio de Janeiro, ainda que não saiba onde vai.	Ideias paulistas (SP) x ideias coloniais (RJ)	Carros abundantes como indicação de luxo na cidade do Rio de Janeiro e seu uso como espaço íntimo de conversas, em relação ao espaço público das ruas e do bonde.

Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

Tal método encontra suas bases não somente nas considerações de Franco Moretti, como em outros teóricos.

A partir da ideia de Espaço, a ser definida inicialmente por Roland Bourneuf e Réal Ouellet, na obra *O Universo do Romance*⁸, pretende-se examinar as semelhanças entre as inclusões e exclusões do espaço fluminense e as semelhanças entre as escolhas dos autores em um período curto, que abrange o final do século XIX. Os limites estabelecidos espacialmente parecem concluir que há áreas mais heterogêneas em relação a quem transita na rua (o Centro), assim como há áreas mais luxuosas residencialmente (Botafogo, por exemplo), em relação a áreas mais humildes (Morro do Castelo) e, por conseguinte, desordenadas.

Também os limites temporais não podem ser ignorados. A presença do episódio do Encilhamento nas duas obras analisadas inicialmente – e, também, na obra coadjuvante em que aparece novamente o Conselheiro Aires –, indicam um período de grande abundância, seguido por um período de crise financeira. Pretende-se traçar os padrões encontrados nas representações dos espaços e dos deslocamentos das personagens nesses, analisando seus significados, de forma ainda mais específica do que essas linhas gerais, utilizando as tabelas já indicadas.

Primeiramente, conforme análise metodológica de Bourneuf e Ouellet, cabe a representação gráfica do espaço real e de como o espaço imaginário se encaixa no primeiro. Após, será possível realizar a análise dos padrões de ausências, e inclusões (“recortes”), correspondências identitárias com as personagens, deslocamentos, ritmo de descrições, e, finalmente, as correspondências com o mundo. Partindo de uma metodologia que valoriza a intenção do autor em estabelecer esses padrões (não são parte do “acaso”), propõe-se analisar como tais padrões modificam o romance. Como o espaço amarra o enredo de ambos os romances analisados? É possível que as narrativas acontecessem em outro espaço metropolitano?

Certamente, não é por acaso que os bairros de Botafogo e da Glória figuram extensamente na obra de Machado de Assis, assim como o bairro do Centro. A ligação destes bairros com a alta sociedade é clara, com a presença elucidativa das famílias Santos e Batista, em *Esau e Jacó*, por exemplo. Também o bairro do Centro privilegia em aparições a Rua do Ouvidor e Rua Gonçalves Dias, além do Largo de São Francisco de Paula e do Largo da Carioca. Esse “miolo” indica a presença de diversos carros de transporte e de lojas consideradas diversas e caras, comparáveis, inclusive, com o requinte e luxo europeus. O morro do Castelo é tratado de forma diferente em relação ao resto do Centro, dada a sua

⁸ BOURNEUF, Roland e OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

desorganização, assim como outros bairros considerados excêntricos pelo Conselheiro Aires, como Copacabana e Andaraí.

Há, certamente, correspondência identitária entre quem transita em cada bairro supracitado e, ainda mais, entre quem habita os bairros. Mais do que um pano de fundo para o desenvolvimento da narrativa, o espaço, nas obras analisadas, é parte da caracterização das personagens. Somente um tipo rico poderia habitar Botafogo, Glória e bairros luxuosos. Somente um tipo pobre poderia habitar o morro do Castelo, ainda que as pessoas se misturem heterogeneamente ao circular pelas ruas. Somente um tipo empreendedor, rico e especulador, muitas vezes malandro, poderia se tornar poderoso, participando das negociatas da obra de Visconde de Taunay, por sua vez.

Também é de grande valor o método de Bourneuf e Ouellet que leva em consideração a análise dos deslocamentos. Tal categoria de análise permitirá indicar que há uma predileção para o espaço de conversas (íntimas ou públicas, conforme o meio de transporte ou a viagem a pé) e reflexões durante os deslocamentos, na obra de Machado.

Além disso, é necessária a análise dos pontos metodológicos de Antonio Dimas acerca de Espaço, descrição e ambientação, antes de partir para a análise interpretativa em si, em sua obra *Espaço e Romance*⁹. Abarcando, principalmente, a discussão entre a funcionalidade e a organicidade da inclusão do espaço em um texto, Dimas analisa – em obra breve – os pontos principais ligados ao elemento espacial da narrativa.

Conforme o autor, é necessário, inicialmente, estabelecer o nível de integração desse elemento aos outros da narrativa: o espaço é valorizado pela obra em si ou está sendo valorizado apenas pela análise desejada? Há a abundância de citações espaciais nas obras selecionadas e o estabelecimento de recortes bastante definidos de áreas em que as personagens transitam de forma constante – geralmente Botafogo, Glória e Centro, principalmente, com poucas escapadas a outros bairros, ao interior do Brasil e ao exterior. Indica-se, portanto, que não somente o espaço é importante para gerar a sensação de realismo das obras analisadas, como também a ambientação e a descrição são cuidadosamente tratadas pelos narradores para andar lado a lado com a descrição de suas personagens. Ainda assim, esses não estão presos ao espaço fluminense, necessariamente, como exemplificam Flora e Paulo, em *Esau e Jacó*. Analisamos, portanto, os padrões de interpretação identificados a partir dos espaços em que as ações da narrativa se desenrolam.

⁹ DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

Para que seja valorizado em sua análise, também, Dimas demonstra análises meramente ilustrativas e exemplos do que não fazer nesta dissertação ao avaliar os romances – importante aprendizado – e, também, o principal a se fazer: analisar a funcionalidade e estabelecer padrões específicos e explicitados, conforme embasamento teórico disposto no primeiro capítulo deste trabalho, desvendando símbolos apresentados, evitando um tom genérico.

O autor ainda enfatiza a importância de não amarrar a personagem com grilhões ao espaço, pois não se deve favorecer o cientificismo, ainda que haja personificação do ambiente ou forte integração entre espaço e personagens – como acontece nas obras analisadas de Machado de Assis, quando Conselheiro Aires ou Nóbrega se referem saudosamente à cidade, que ganha vida para eles. Sendo assim, na análise das personificações que ocorrem ao longo das obras, foi tomado cuidado redobrado.

Por fim, o subcapítulo apresenta a ligação entre espaço e tempo, também tratada por Moretti, posteriormente, com suas representações do passado e temores acerca do futuro, em seu clássico *Atlas do romance europeu*¹⁰. Ele demonstra, ainda, que diferentes espaços têm relacionamentos diferentes acerca da progressão do tempo nas grandes cidades e fora delas, por exemplo.

O conceito de ambientação – ligado à conotação – e seus diferentes tipos são explicados detalhadamente, em contraposição ao conceito de espaço em si – ligado à denotação –, o que é extremamente importante para desvendar os símbolos apresentados nos romances analisados. A ambientação, a forma como as personagens percebem o ambiente, como transitam nele e como este é apresentado ao leitor, é essencial e não figura necessariamente como a sua transposição para o “Largo da Carioca”, para a “Rua do Ouvidor” reais, por exemplo.

Com o posterior desenvolvimento do capítulo dedicado à metodologia, abarcando, então, o ideário de Moretti, trazemos à tona não somente o espaço – e, novamente, a discussão entre *espaço real e espaço ficcional* –, como também a geografia literária em si, valorizando essencialmente o uso de mapas, não de forma decorativa, mas para sublinhar os padrões já indicados por Bourneuf e Ouellet, além dos indicados por Dimas. Tais ferramentas permitem demonstrar que, muitas vezes, os espaços analisados se sobrepõem, facilitando a exposição dos padrões. Ainda assim, o espaço ficcional extrapola o espaço real e o ressignifica, não o contém nem é contido nele.

¹⁰ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Nesse subcapítulo pretende-se, ainda, alinhar as formas de compor os mapas a serem apresentados (especificando que serão coloridos, por exemplo), facilitando a sua leitura, e também como exibi-los, integrando o texto analítico ao cartográfico no desenvolvimento dessa dissertação, não como apêndice, dada a sua importância para a análise dos padrões encontrados. Há, ainda, diálogos entre Moretti e outros autores que valorizam a análise da linguagem conjuntamente à geografia, assim como Bourneuf e Ouellet. Essa perspectiva facilita o entendimento dos padrões de ausência ou presença de bairros, cidades e países em cada narrativa – sejam os espaços real e ficcional sobrepostos ou completamente díspares. São analisados locais fixos (O “Rio de Janeiro”, “Petrópolis”, a “enseada de Botafogo”), assim como as mudanças a partir de viagens (viagens “entre Catete e Centro”) e os significados de fronteiras externas e internas (a “Europa”, “Maricá”), em constante conversa com o subcapítulo anterior, que explicita a metodologia baseada em Dimas. Essas fronteiras são capazes de excluir grupos diversos e de centralizar a morfologia da literatura, conforme o autor, valorizado o recorte urbano dos romances escolhidos e sua ligação com a Corte Imperial e suas significações.

Metodologicamente, é importante comparar e contrastar espaço real e espaço ficcional, continuamente, evidenciando suas assimetrias para poder realizar análise interpretativa cartográfica. Portanto, como dito, as fronteiras e os meios de transporte também são elementos que participarão da análise, uma vez que alteram a perspectiva do enredo e das personagens, além de expandir, por muitas vezes, o tempo de viagem ou encurtá-lo, dependendo do sentido pretendido pelo autor, alterando, por sua vez, o ritmo da narrativa. São analisados, ainda, seis interlúdios teóricos de Moretti, explicitando suas ideias principais ao final do subcapítulo: a relação entre espaço e estilo; a integração entre o espaço e a funcionalidade da narrativa; a simplificação em sistema binário ou de três elementos – favorecendo o meio-termo entre real e ficcional e suas potencialidades, em vez de uma oposição ou que uma contenha ou extrapole a outra; a importância do estudo quantitativo dos romances para gerar dados confiáveis; a polarização entre centro e periferia (a qual será analisada extensamente nas obras escolhidas) e, por fim, a geração de desigualdade graças à difusão de perspectivas pouco mutáveis em grande escala.

Como parte do último subcapítulo desse capítulo teórico, Blanchot afasta-se da possibilidade de representação perfeita do espaço real, em sua obra *O espaço literário*.¹¹ O autor estabelece uma perspectiva de movimento persecutório do real. Tal movimento está

¹¹ BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*, trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

contido no espaço imaginário, ainda que a meta do espaço real seja sempre visível, ou seja, reconhecível, para estabelecimento das simplificações dos padrões desejados, como indicam os outros teóricos anteriores. Trata-se de um movimento constante, portanto, sem possibilidade de estabelecimento pétreo do espaço.

Cabe, ainda, dizer que, dadas as diferentes edições de obras utilizadas – entre os séculos XIX e XXI –, seja dos romances ou de teoria e método, buscou-se atualizar a ortografia das palavras para o Novo Acordo vigente, ao realizar as citações, mesmo que fossem diretas, para estabelecer um padrão de leitura ao longo deste trabalho. Há poucas exceções indicadas em notas de rodapé, como a abreviatura de Vossa Excelência para V. Excia., não V. Ex.^a, mantendo a grafia de Machado em suas obras analisadas.

1 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO

Neste primeiro capítulo, pretende-se apresentar o arcabouço metodológico a ser utilizado durante todo o trabalho de análise dos romances de Visconde de Taunay e Machado de Assis. Ao longo dos subcapítulos apresentados, é possível que haja breves exemplos de forma a sustentar a argumentação acerca da escolha do método. Tais exemplos serão melhor desenvolvidos ao longo dos capítulos três e quatro, dedicados à aplicação da metodologia que é destrinchada neste capítulo.

O capítulo é subdividido em quatro subcapítulos, de acordo com os autores da metodologia adotada. Cada parágrafo inicial procura postular uma pergunta que identifica a necessidade dos conceitos metodológicos daquele subcapítulo para o posterior desenvolvimento desta dissertação.

O primeiro subcapítulo se dedica a explicação acerca do Espaço e das descrições em geral em uma narrativa, conforme Bourneuf e Ouellet. Já o segundo subcapítulo – alinhado, inclusive, com os autores do primeiro – estabelece outras discussões importantes acerca de espaço, ambientação e descrição, no geral, conforme Antonio Dimas. O terceiro subcapítulo, por sua vez, insere a ideia de geografia ligada à literatura em si e a importância do uso de mapas de forma significativa, conforme Moretti. Por fim, o quarto subcapítulo dispõe da ideia do movimento contínuo e infinito de definição do espaço real e do imaginário, conforme Maurice Blanchot.

A partir dessa teoria a ser apresentada, busca-se embasar a análise do espaço nos romances escolhidos, de forma conjunta à apresentação do embasamento cartográfico a ser apresentado ao longo do segundo capítulo dessa obra. Como a teoria mostrará neste primeiro capítulo, não se trata de mera descrição que identifica e lista espaços reais e suas utilidades à sociedade em que estão inseridos. Este trabalho propõe-se a ultrapassar essa barreira, discutindo as funcionalidades do espaço e como essas são apresentadas, além de sua organicidade em relação aos outros elementos das obras analisadas.

1.1 Espaço: do que se trata? – A visão inicial de Bourneuf e Ouellet

Conforme análise do terceiro capítulo da obra “O Universo do Romance” de Réal Ouellet e Roland Bourneuf, analisamos o sentido de Espaço e suas inserções gráficas e cartográficas. A partir de tais representações, traçamos padrões de ausências e presenças espaciais, identificando recortes específicos e suas motivações. Quais os padrões que desejam ser perpetuados dedicando uma narrativa a um Espaço específico?

Os autores citam a presença de “indicações geográficas” (1976, p. 130) por parte do romancista, em relação ao espaço real, caracterizadas de “sentidos múltiplos” (1976, p. 131). Ao analisar o Espaço nos dois romances escolhidos, pretende-se justamente identificar quais seriam esses múltiplos sentidos e, a partir dessa análise, construir mapas que facilitem a visualização dos padrões. Como exemplo, há a reiterada citação da indicação geográfica do Largo de São Francisco de Paula, espaço real existente até hoje na cidade do Rio de Janeiro. Como hipótese de sentidos múltiplos que esse espaço pode evocar na época, apresentam-se o requinte de local de encontro de carruagens, a proximidade ao final da Rua do Ouvidor e de suas boutiques consideradas próximas ao requinte europeu, entre outros a serem analisados nos capítulos seguintes.

Certamente, existem diferentes maneiras de se expor tais indicações geográficas, por meio de um “inventário dos locais” (1976, p. 131), seja em anotações ao longo do texto ou em grandes descrições. Parte de perceber a maneira como se analisa o Espaço é dedicar-se à maneira como este é apresentado. Primeiramente, cabe, por parte do método dos autores, a representação simples espacial, para depois estabelecer relações: “A simples representação gráfica do espaço como etapa preliminar do seu estudo, faz frequentemente aparecer caracteres importantes” (1976, p. 132). A partir dessa representação, cabe começar a traçar padrões, como pretende Franco Moretti em capítulo seguinte. Bourneuf e Ouellet identificam primariamente as relações intencionais de ausências e presenças de lugares (1976, p. 132): “a «leitura» de um desenho tirado de um romance revela também, no seio dum espaço englobante, a presença de locais diversos que estabelecem entre si relações de simetria ou de contraste, de atração, de tensão ou de repulsão”. Dessa forma, ao optar pela tabela já citada, busca-se quantificar as citações dos espaços e organizá-las em áreas e subáreas para a confecção dos mapas.

Tais ausências e presenças são o que será chamado de *recorte* ao longo do trabalho. Desde a ideia inicial do trabalho, foram elencadas duas obras com recortes parecidos, seja temporal ou espacial: livros que tratem do espaço fluminense no final do século XIX. Ainda assim, os autores tratam de outros espaços (como a Europa, Nova Friburgo, Petrópolis etc.) com sentidos múltiplos a serem desvendados.

Tais recortes, portanto, limitam, restringem o espaço propositalmente, atribuindo sentidos diversos – nos romances analisados, ao estrangeiro, às cidades do interior e à Corte, ou ao Rio de Janeiro em si –, conforme Ouellet e Bourneuf acreditam (1976, p. 133). “Como o espaço amarra o enredo de ambos os romances analisados? É possível que as narrativas acontecessem em outro espaço?” – perguntou-se na introdução a este trabalho.

A análise inicial pretende indicar que não, ou, pelo menos, que existem características específicas da cidade do Rio de Janeiro ao final do século XIX necessárias ao desenvolvimento de ambas as histórias, como ser a Corte Imperial onde se reúnem personagens de diversas cidades do interior, além de ser para onde retornam os cidadãos após temporadas na Europa, em análise preliminar, como será analisado em capítulo concernente à obra de Machado de Assis, seja em *Esau e Jacó* ou em *Memorial de Aires*, especificamente. Mais que uma grande metrópole, ainda figura no ambiente escolhido a importância da cidade como enorme porto de escravos, como ambiente da Proclamação da República e do episódio financeiro do Encilhamento e da rápida ascensão e do declínio dos empreendedores beneficiados inicialmente com o decreto do Ministro das Finanças de Deodoro, Rui Barbosa.

Relembra-se, ainda, que tal recorte é intencional, é *escolhido* por parte do autor: “O romancista, como o pintor ou o fotógrafo, escolhe em primeiro lugar uma porção de espaço, que enquadra e situa-se a uma certa [sic] *distância*” (1976, p. 143, grifo do autor). Cabe analisar, além da intenção do autor, as intenções do narrador quando o romance é descrito em formato de diário ou de memorial, no caso de *Memorial de Aires*. Como hipótese já inserida brevemente, há a possibilidade de atribuir sinceridade ao que Aires diz, além de indicar um recorte temporal bastante específico, embora não necessariamente exato. Mesmo quando a obra *Esau e Jacó* é analisada, ainda que não em forma de diário ou memorial, a citação a certos episódios – em especial à Proclamação da República e à dissolução do Congresso por Deodoro, quase dois anos depois – é bastante cuidadosa, aproximando real e ficcional de maneira não somente ligada ao espaço, indicando grande organicidade dos elementos nas obras analisadas.

Os autores ainda indicam que tais limites podem ser deformados em relação à imaginação e à memória do autor (1976, p. 135) e, acrescentamos, do narrador. No *Memorial*, por exemplo, escreve-se em forma de diário, o que favorece a atribuição de características deformadas (afetivamente, ou em forma de lembrança longínqua, portanto impossível de ser lembrada de forma fidedigna) aos locais e suas personagens habituais por parte do Conselheiro, distanciando-se do espaço real, como exemplificado na passagem “Segunda-feira” (2012, p. 12): “Mas agora é muito tarde para transcrever o que ele disse; fica para

depois, um dia, quando houver passado a impressão, e só me ficar de memória o que vale a pena guardar”.

Outra perspectiva possível é a de analisar se os espaços apresentados são externos ou internos. Os autores indicam que ambientes internos podem “aprofundar a vida interior das personagens” (1976, p. 134). Nos romances analisados, será possível identificar uma predileção por residências e ambientes fechados específicos e suas relações de familiaridade e conforto por parte das personagens. As residências de elite são ambiente de encontros, assim como forma de se mostrar à sociedade, como demonstrado no capítulo “Vista de Palácio” de *Esau e Jacó* (1994, p. 13, 14) em que Santos admira o atual Palácio do Catete, à época, Palácio de Nova Friburgo, como residência e possibilidade de mostrar sua situação financeira favorável ao resto da sociedade fluminense.

Cada ambiente fechado ainda será analisado conforme o bairro ou freguesia a que pertence, com simbolismos de permanência ou ruptura em relação a uma cidade que muda constantemente ao final do século XIX. A população, por sua vez, conflita com a ideia da mudança iminente, de progresso, em relação à identidade proporcionada pelas representações de locais tradicionais à cidade do Rio de Janeiro, como lojas que perduram ainda que os cidadãos mudem ao longo das gerações, como no caso já citado da troca das tabuletas, ou mesmo, como na visão de Nóbrega, que fora embora mendigo e torna-se rico, mas, ainda assim, visita os ambientes em que costumava andar e os tipos são os mesmos, inclusive dando esmola a uma mendiga onde recebera a esmola ao início de *Esau e Jacó*, no capítulo “Talvez fosse a mesma!” (1994, p. 91-92), de forma nostálgica.

Porém, o espaço não se dá apenas em ambientes fixos. Pretende-se analisar os deslocamentos das personagens e o que eles significam. O que significa a volta do Conselheiro da Europa? O que significam os deslocamentos entre freguesias em ambos os romances? Por que há a presença de personagens tanto de origem interiorana quanto de origem europeia na cidade do Rio de Janeiro? Que tipo de experiências são comumente associadas a tais deslocamentos por parte dos romancistas? Essas são algumas perguntas a serem desenvolvidas a partir da análise dos deslocamentos e dos itinerários realizados nos romances.

O método de Bourneuf e Ouellet permite identificar os significados de cada itinerário, como na análise da cena de *Madame Bovary* (1976, p. 135), indicando a festa a que Emma comparece no castelo de *La Vaubyessard* e suas emoções em relação ao encontro posterior com Charles – portanto, um deslocamento entre a festa no castelo e um ambiente de ruptura, em que Madame Bovary, grávida, parte, desloca-se. Os autores analisam os diversos locais

que Emma e León frequentam e suas relações com eles e proporcionadas especificamente por seus deslocamentos. Mesmo a ausência de deslocamento de uma ou mais personagens pode ter significado específico (1976, p. 139), o que será analisado nos romances escolhidos.

Ainda para analisar tais deslocamentos, é necessário, como indicam Bourneuf e Ouellet, a diferenciação entre *espaço real* e *espaço imaginário*, sendo que este pode caber dentro do primeiro, conforme os autores: “Estas deslocações «efetivas» da personagem principal e, em consequência, da ação desdobram-se em deslocações pelo pensamento, que fazem aparecer no espaço «real» do romance outros espaços «imaginários» que se encaixam nos primeiros” (1976, p. 137). Portanto, conforme os autores, ao espaço real se somam os espaços imaginários.

Prefere-se favorecer a visão do meio-termo, como análise, em vez de uma relação de continência. Defende-se, metodologicamente, que a representação dos espaços já deforma o espaço real, não se pode acreditar que a representação do espaço real é fidedigna. O espaço imaginário, então, seria derivação do real, limitado, de forma conjunta, pelo autor pela sua ambientação.

Bourneuf e Ouellet ainda demonstram a proximidade entre as personagens e o Espaço, sendo este real ou imaginário. Posteriormente, contrapondo as perspectivas de Robbe-Grillet e Benjamin Constant, os autores dispõem do *antropomorfismo*, conceito importante de ser utilizado nos romances analisados, quando Aires observa, assim como Nóbrega, as características das construções que “criam vida”.

Os autores relembram a importância da descrição para que as indicações geográficas por parte do romancista sejam reconhecidas pelo leitor. Inicialmente, indicam a diferença entre os atos de narrar e descrever, quanto a seus objetivos, pois são similares na forma geralmente linear de se apresentar: “a narração restitui «a sucessão igualmente temporal dos acontecimentos», a descrição representa «objetos simultâneos e justapostos no espaço»” (1976, p. 141).

A descrição, inclusive, é importante parte da composição de uma narrativa, embora esta seja centrada nas ações, não no espaço descrito. A forma como a descrição é composta depende da intenção do autor, já que não é possível descrever de forma justaposta, graças às limitações do sintagma. Portanto, segundo os autores, “no romance, onde a descrição tem de ser «sucessiva», o escritor guia a vista ao longo dos caminhos que ele próprio traçou” (1976, p. 144). A descrição, mesmo que se pretenda neutra, portanto, em sua sucessão, já traz o olhar do autor. Os caminhos dos passeios das personagens, linearmente descritos, viram os olhos do leitor à ambientação de cada narrativa.

A partir do olhar intencional, levando em consideração o recorte do autor, é possível estabelecer uma “correspondência entre a história e o meio ambiente e os efeitos que é possível [sic] tirar dessa correspondência” (1976, p. 148). Defende-se, neste trabalho, que a história e o meio ambiente não são amarras para a narrativa em si, mas não se pode negar as simbologias por trás de cada freguesia ou de cada cidade analisadas. Os romances tratam mais do que estereótipos cientificistas, como relembram os autores: “A revelação das personagens pelo meio ambiente é uma concepção presente em muitos romances importantes do século XIX, como um processo de caracterização entre outros ou como uma teoria de pretensões científicas.” (1976, p. 151). Procura-se identificar não um estereótipo cientificista, como era comum ao Realismo, mas estabelecer uma identidade compartilhada entre o espaço e as personagens, nos romances analisados, portanto. O espaço age nas personagens, assim como elas modificam o espaço, são agentes.

As personagens veem o mundo a partir de suas lentes, por isso modificam-no. Os autores indicam essa possibilidade no final do século XIX, que nos é facilitada pelo modelo “memorial” analisado, inclusive, neste trabalho: há um movimento na época recortada de percepção da realidade e não mais o determinismo cientificista (1976, p. 152). Como dito, os autores cotejam Robbe-Grillet e Benjamin Constant. “Para Robbe-Grillet, a descrição faz-se em termos de medida com o que o sentimento da testemunha nada tem a ver, e muito menos os «sentimentos» que ela possa emprestar aos objetos que descreve” (1976, p. 153). Robbe-Grillet, então, se afasta da perspectiva das lentes do narrador personagem e das personagens em geral, visão que difere da perspectiva deste trabalho.

Neste trabalho, procura-se aproximar-se da visão de Benjamin Constant, que propicia a possibilidade do *antropomorfismo*, inclusive, presente em nossas obras. A cidade cria vida em suas tradições diversas, ela é a confeitaria que não muda, por exemplo, para a obra de Machado. Mesmo com a posição da metodologia adotada pelos autores, aqui nos distanciamos, pois o recorte do conselheiro, por exemplo, é evidentemente ligado às suas lembranças em relação a cada cidade e ao estrangeiro, que criam vida, assim como acontece no episódio de Nóbrega em seu retorno após seu enriquecimento misterioso, na obra *Esau e Jacó*.

Além da linearidade da descrição, é importante que se analise o seu vocabulário e o que esse suscita. Mesmo o sintagma facilita o aparecimento de adjetivos e o campo semântico recortado em relação à narrativa. Ainda que escrita, pode evocar os cinco sentidos (1976, p. 146) – o que acontece não de forma conjunta nas obras analisadas, mas principalmente o sentido da visão é aguçado –, de forma que o leitor não somente compreenda, como também

aceite, o espaço que lhe é apresentado, fazendo parte do *pacto narrativo*¹² de verossimilhança entre autor e leitor. Aquele leitor que “vê” o ambiente que lhe é apresentado por meio da leitura irá aceitar a aproximação com a realidade de maneira mais suave. Conforme os autores, “a descrição leva-nos a ver” (1976, p. 155) e, por isso, é essencial para o sucesso da narrativa, para ganhar os leitores. A ambientação, portanto, é chave-mestra para o pacto narrativo.

O vocabulário e a duração de cada descrição ditam, conjuntamente, o *ritmo* da narrativa. Segundo Bourneuf e Ouellet, uma descrição pode ser utilizada de diversas formas por parte do autor – sendo longa ou curta –, não somente para indicar pontos geograficamente, como também para, por exemplo, estabelecer um gancho entre episódios distintos, adiar a resolução de um importante problema, manter o clímax etc. (1976, p. 154). Ao relembrar constantemente o Baile da Ilha Fiscal, por exemplo, é possível inferir a importância do ambiente relacionado à alta sociedade como lembrança que perdura por muitos meses nas rodas de conversa.

Portanto, para entender o problema do Espaço suscitado neste trabalho, não se pode deixar de discutir a metodologia da descrição – a qual já responde de antemão a importância dos mapas, que trataremos a seguir com a perspectiva de Franco Moretti. Bourneuf e Ouellet afirmam, de antemão: “Longe de ser um acrescento decorativo mais ou menos parasitário, a descrição condiciona, portanto, o funcionamento da narrativa no seu conjunto.” (1976, p. 158). A partir de tal descrição, já indicamos a importância de os mapas figurarem em conjunto com o desenvolvimento da análise, de forma verbal e não como apêndice.

É porque os romancistas analisados dão grande importância ao Espaço e não um lugar “parasitário”, que podemos estabelecer as simbologias que se seguirão. A partir da certeza já citada da transformação por parte dos olhos das personagens, Bourneuf e Ouellet citam o exemplo de Maupassant: a realidade exterior sofre transformações seguidas, “primeiramente quando atravessa a consciência do romancista e se carrega de elementos «subjetivos», depois quando é traduzida pela linguagem” (1976, p. 160), aqui se aproximando da perspectiva de Roland Barthes – tão valorizado pelos autores ao longo da obra – e do problema acerca da mimesis, em relação à linguagem que abarca a realidade já em recorte.

Com a certeza da perspectiva atravessada pelos olhos das personagens e pela linguagem, defende-se a intencionalidade por parte dos autores em seus recortes, não se trata

¹² A expressão *pacto narrativo* aqui toma o sentido de BOURNEUF E OUELLET, na mesma obra analisada, capítulo II: “O ponto de vista – o pacto narrativo”, em que se estabelece a importância de um pacto inicial entre autor e leitor virtual e entre narrador e narratário acerca da veracidade da narrativa, portanto, também de sua verossimilhança.

de acaso, como já dito: “A descrição pode adstringir-nos a observar a realidade que ela *pretende* colocar diante dos nossos olhos” (1976, p. 163, grifo do autor).

Tal intencionalidade se exprime a partir de *imagens*, tomadas com o sentido de *imagery*, ou seja, de simbolismos: “As *imagens* na descrição são os reveladores desse invisível, por elas se faz a transmutação do cotidiano” (1976, p. 163, grifo do autor). O que significa cada lugar? Seria o exterior o “outro”, o “extraordinário” como afirmam os autores (1976, p. 167)?

Certamente a aplicação da geografia à literatura enriquecerá essa discussão, pois pretende-se utilizar a cartografia de forma consistente. A Europa, por exemplo, nos parece indicar luxo, tanto como a cidade imperial de Petrópolis. A partir da metodologia apresentada no terceiro subcapítulo, dedicado à visão de Franco Moretti, pretende-se realizar tal enriquecimento ao longo desta dissertação. Antes de essa perspectiva se dispor, porém, são necessárias mais algumas discussões acerca do espaço e da descrição por parte de outro teórico que inclusive cita os autores Ouellet e Bourneuf em sua obra: Antonio Dimas, a serem apresentadas no próximo subcapítulo.

1.2 Espaço, Ambientação e Descrição – A visão complementar de Antonio Dimas

Antonio Dimas propõe, em curta obra – *Espaço e Romance* –, analisar as iniciais e essenciais proposições acerca do espaço. Principalmente seu vocabulário crítico (1985, p. 72-4) é útil a esta dissertação. Quais as principais proposições acerca da *funcionalidade* e da *organicidade* do espaço em um texto?

Inicialmente, o autor indica a necessidade de se analisar se o espaço aparece em destaque em relação aos outros elementos da narrativa, ou se sua análise que destaca a sua existência. Conforme análise posterior, em tabela, indicamos que as obras escolhidas trazem o espaço em destaque, não sendo esta dissertação que coloca o espaço em evidência, cuidado tomado na confecção desse projeto. Ainda é necessário analisar o nível de integração (organicidade) do espaço em relação aos outros elementos (1985, p. 6).

O autor valoriza aquele espaço que não se apresenta de forma ilustrativa apenas, mas integrado, conforme veremos adiante em Moretti, apresentando suas razões; “desde as mais singelas e de mérito simplesmente *ilustrativo* até as mais elaboradas e, portanto, *analítico-interpretativas*” (1985, p.6, grifos do autor). A partir de exemplos, desvaloriza as obras

meramente ilustrativas, as quais apenas localizariam o espaço real referenciado na obra, de forma reducionista, preocupando-se essencialmente com a verossimilhança da obra, apenas, não com seus efeitos estilísticos de forma mais extensa (1985, p. 6-7).

Indica-se desde o projeto desta dissertação o afastamento dessa intenção meramente ilustrativa, pois os mapas a serem criados indicarão padrões conforme embasamento teórico vindouro de Moretti. Mais do que castrar as possibilidades do verossímil, como visto na obra de Ferré, conforme citação de Dimas, é necessário identificar a funcionalidade do espaço em uma obra, de forma não periférica (1985, p. 8-9). É por isso que os padrões identificados nas subáreas (tais como exterior, interior, deslocamento ou viagens, entre outros) indicam funções. Um exemplo de função seria “espaço de conversas íntimas e reflexões”, caracterizando o interior de carruagens e carros no geral na subárea “viagens e deslocamento”.

Como um dos romances escolhidos é de Machado de Assis, assim como outro examinado para a composição dessa dissertação, é necessário se afastar metodologicamente de obra citada por parte de Dimas acerca de Machado: *O mundo de Machado de Assis*, de Miécio Táci¹³. Apesar das importantes informações acerca dos espaços narrados por parte de Assis, a metodologia do texto é meramente ilustrativa, conforme o autor.

Busca-se, portanto, a funcionalidade do espaço, ir além das proposições metodológicas de Táci. Busca-se um significado oculto a partir de quando se traçam padrões literários para a valorização ou desvalorização de certos ambientes (contraste entre Saúde – representando pobreza, desorganização, atraso – e Botafogo – representando riqueza, requinte, visão para o futuro moderno –, por exemplo) e a forma de sua descrição em relação aos outros elementos da narrativa. Para chegar a uma conclusão acerca desses significados ocultos, dessas imagens, desses símbolos, cabe pensar acerca do papel do elemento urbano para Machado e para Taunay.

Para traçar tais padrões, conforme os exemplos dos capítulos subsequentes, é necessário evitar o tom genérico ou generalista (1985, p. 13), são necessários padrões específicos, conforme recortes bem estabelecidos. A partir de tais padrões, é possível expandir e iluminar as imagens apresentadas ao longo dos romances e seus significados ocultos, evitando a “verificação esquemática da transposição do plano geo-histórico para o literário” (1985, p. 13), assim como Dimas apresenta acerca do ensaio de Antonio Candido sobre *L’Assomoir*:

¹³ TÁTI, Miécio. *O mundo de Machado de Assis*. Livraria São José, 1961.

Na medida em que tamanha disparidade de locais e de coisas se articula por intermédio da linguagem, o cerne mesmo da literatura, o ensaísta trabalha-a no nível preferencial das imagens [...], da semântica, da etimologia e das homofonias, arrancando desse conjunto um sistema de articulação onde tudo se toca e se transforma, num processo de contaminação recíproca interminável. (1985, p. 14)

Conectam-se, então, espaço e estilo, por meio da funcionalidade do espaço (1985, p. 15), conforme o autor explicita:

No romance de Aluísio Azevedo, o percurso de degradação moral, emocional e afetiva dos personagens entremostra-se por intermédio das ações em si e também por meio da desordem crescente que toma conta das situações familiares. (1985, p. 55)

Nesse sentido, será verificado, posteriormente, no capítulo dedicado à análise da obra de Machado, que o deslocamento do interior para o Rio de Janeiro, significa enriquecimento, por exemplo. Dá-se uma funcionalidade ao espaço, ao movimento, construindo uma forte ligação entre espaço, estilo e narrativa, favorecendo a organicidade desejada por Bourneuf e Ouellet.

Ao mesmo tempo, porém, não se pode reduzir as personagens às metáforas espaciais apresentadas de forma estanque, somente, pois não se deve favorecer o cientificismo. Ainda assim, a personificação da cidade – “Dada a empatia entre o homem e o ambiente, este se humaniza, personifica-se e ganha a condição de *sujeito*, companheiro de viagem, o que também se reflete na estrutura frasal” (1985, p.63, grifo do autor) – , como será visto em Moretti, com citação de Ross, é uma possibilidade entrevista em *Memorial de Aires* e em *Esaú e Jacó*, conforme tratado adiante.

Dimas ainda valoriza a conexão entre os elementos Espaço e Tempo, conforme também tratará Moretti, pois a cidade é parte da identidade do passado e muitas vezes entra em conflito com os prenúncios tecnológicos do futuro, principalmente no recorte temporal analisado, do final do século XIX. Mesmo as visões de Aires e dos gêmeos Pedro e Paulo, em *Esaú e Jacó*, já são conflitantes, no capítulo LXXXIX, “O dragão”, em que eles não se importam com as falas de Aires acerca de cafés e rotinas do centro do Rio que não existiam mais, pois eles haviam nascido há 20 anos e nada antes disso importava para eles.

Há um ponto de contato desta dissertação com a análise de Zola acerca do elemento urbano: “Nessa derramada declaração de amor pela sua cidade, Zola enfeixa uma visão do presente, um repúdio ao passado e um projeto para o futuro” (1985, p. 10). Mesmo os deslocamentos que serão apresentados por Moretti como importantes pontos de desenvolvimento social e econômico, representando o tempo de “evolução da civilização”,

são analisados por Dimas (1985, p. 57). São ainda, analisados, os meios de transporte e seus significados (1985, p. 70), metodologia importante para se analisar os dois romances essenciais a esta dissertação, uma vez que os meios de transporte são extensamente descritos e indicam questões sociais e econômicas, além de servirem como ambiente, durante o deslocamento das personagens, entre espaços fixos e retardar ou acelerar o tempo da narrativa, conforme necessário.

A partir da análise de obra de Aníbal Machado, demonstram-se as conexões entre Espaço e Tempo (1985, p. 57-65). Um ponto importante de contato da obra com a obra analisada principalmente de Machado é a visão a partir da aposentadoria, que altera a perspectiva acerca da paisagem (1985, p. 60), assim como sua disposição ao movimento, uma vez que é chegada a velhice. Como demonstra Dimas acerca da aposentadoria da personagem: “A supressão do trabalho cria um vazio no cotidiano de José Maria. Como consequência, expande-se o tempo que, por sua vez, dilata o espaço. Não mais obrigado à tarefa diária, José Maria tenta ajustar-se à nova realidade, investigando locais que mal conhecia ou ignorava” (1985, p. 61). Será este o mesmo movimento empreendido pelo Conselheiro Aires ao empreender a confecção de seu Memorial ao longo da obra? Certamente, esse será um dos pontos a serem analisados conforme metodologia disposta detalhadamente neste capítulo da dissertação.

Há, conforme o vocabulário supracitado, definições importantes acerca de espaço e ambientação, diferentes essencialmente, a partir de análise do ensaio de Osman Lins acerca de Lima Barreto (1976)¹⁴ e da metodologia do autor do ensaio. A ambientação teria ligação intrínseca com os elementos que geram um ambiente específico, seja este um bar ou um banco – exemplos com ambientações extremamente diferentes. O espaço é ligado à denotação, enquanto a ambientação está ligada à conotação, portanto, aos símbolos apresentados como imagens (1985, p. 20).

Certamente serão analisadas as ambientações realizadas por Machado e Taunay e uma análise detalhada acerca do que representam os símbolos no estudo literário e geográfico de ambas as obras, misturando a identidade da cidade, no presente e no passado, com as previsões para o futuro (sejam estas otimistas ou não – Aires prefere morrer a ver as mudanças na enseada de Botafogo, no futuro).

A ambientação, em si, pode ser dividida em três tipos, conforme Dimas: a *franca*, a *reflexa* e a *dissimulada*. Esses três tipos podem se combinar ao longo de um texto. Cabe a

¹⁴ LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanescos*. São Paulo: Editora Ática, 1976.

essa dissertação identificar os tipos de ambientação presentes em cada obra analisada. A franca seria a mais simples de todas, com introdução por parte do narrador de forma simples, descritivista. Já a reflexa depende da perspectiva da personagem, ainda que com comportamento passivo e claro, evitando grandes pausas no ritmo da narrativa. Já a ambientação dissimulada seria mais complexa, dependendo de personagem ativa, pois há integração entre descrição e narração, entre espaço e ação. A ambientação dissimulada apresenta ações que podem ser analisadas simbolicamente, como propõe Moretti. Conforme Dimas, em seu vocabulário crítico:

Ambientação: segundo Osman Lins, é o “conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente” (Lins, 77).

Ambientação franca: é aquela “que se distingue pela introdução pura e simples do narrador”, no entender de Osman Lins (Lins, 79)

Ambientação dissimulada: quando existe forte “enlace entre o espaço e a ação” a exigir “uma personagem ativa”, conforme Osman Lins (Lins, 83) (1985, p. 72 apud LINS, 1976)

A partir do estudo das três ambientações e de sua presença nos textos, cabe julgar a funcionalidade do espaço nos textos analisados.

Portanto, para analisar os textos muito além do descritivismo, seja este ornamental ou funcional, é necessário esforço interpretativo após o estudo geográfico e de verossimilhança acerca dos recortes espaciais. Procura-se fugir do detalhismo e estabelecer uma perspectiva que analise como o espaço afeta o ritmo da narração, conforme ligação específica com o subcapítulo anterior dessa dissertação, pois citam-se os conceitos de Bourneuf e Ouellet, podendo a descrição atuar como desvio, suspense, abertura ou alargamento (1985, p. 41).

Padrões sugerem hierarquização e não justaposição de características e ambientações. O detalhismo e o descritivismo favorecem a justaposição de diferentes caracterizações de espaços. A partir do reforço dos conceitos iniciais acerca de espaço apresentados por Dimas ao longo deste subcapítulo, junto aos passados de Bourneuf e Ouellet, busca-se, ao analisar sua organicidade, fugir desse caos da justaposição (1985, p. 43), com medidas a serem apresentadas por Franco Moretti, no subcapítulo a seguir. Tais medidas permitirão que sejam delineados os mapas propostos.

1.3 Geografia Literária, Metodologia de uso de mapas – A visão essencial de Franco Moretti associada a questões práticas de cartografia

Conforme análise da obra “Atlas do romance europeu” de Franco Moretti, pretende-se tomar uma perspectiva de integrar a literatura à geografia, traçando padrões em mapas, identificando os recortes espaciais de forma visual. De que forma é possível perpetuar os padrões de uma narrativa visualmente?

A partir do conceito de geografia literária de Moretti e seu recorte, pretendemos realizar o estudo do *espaço na literatura* e da *literatura no espaço*, conceitos essencialmente diferentes. Conforme o autor, a geografia literária abarca ambos os conceitos subsequentes (2003, p.13). O primeiro estaria ligado ao *espaço ficcional* e o segundo, ao *espaço real* (e suas referências). Ainda que se sobreponham por vezes, não correspondem ao mesmo espaço, conforme analisado no subcapítulo de Bourneuf e Ouellet. Mesmo o vocabulário utilizado por Moretti especificamente indica as distorções realizadas no processo de ficcionalização de um espaço:

Essa geografia literária, entretanto pode se referir a duas coisas muito diferentes. Pode indicar o estudo *do espaço na literatura*, ou ainda, *da literatura no espaço*. No primeiro caso, a dominante é ficcional: a versão de Balzac de Paris, a África dos romances coloniais, o redesenho da Grã-Bretanha de Austen. (2003, p. 13, grifos do autor)

Considerar o espaço ficcional como uma “versão” ou como “redesenho” de um espaço real explicita a impossibilidade de se atingir uma réplica perfeita, embora muitas características entre os dois se cruzem, como já foi discutido por Bourneuf e Ouellet. O estudo do espaço na literatura está, portanto, mais próximo do espaço ficcional, ou seja, mais perto da “ilusão” do que da geografia.

Já o estudo da literatura no espaço teria foco no espaço real e em suas referências a partir do disposto na obra literária, conforme Moretti: “No segundo caso, é um espaço histórico real: as bibliotecas provinciais da Grã-Bretanha vitoriana, ou a difusão europeia de *Dom Quixote* e de *Buddenbrooks*” (2003, p. 13).

O autor ainda trata ao longo da obra da possibilidade de sobreposição dos espaços, mas enfatiza a diferença de sua essência. Portanto, a partir dessa metodologia, ainda que estabeleçamos sobreposições ao longo de nossa análise, é importante lembrar que essencialmente o Catete apresentado por Aires, por exemplo, não é o Catete real, embora suas referências se sobreponham, por algumas vezes. Por exemplo, sua proximidade com os bairros do Centro, Glória e Botafogo é compartilhada pelo Catete real e pelos demais bairros, reais. Há também menções a prédios que realmente tinham importância ímpar, como o prédio

do Carceler¹⁵, que nomeava inclusive os arredores como a área do Carceler. Porém, há de se pensar, quais são os monumentos, prédios, locais que aparecem, quais são apagados? Quais são citados mais vezes, a quais o narrador alude de forma genérica (o interior é tratado como forma de afastar as personagens em certos momentos, sem muitas descrições por exemplo)? Há motivação além de uma comparação entre espaço real e espaço ficcional, conforme análise subsequente.

Ainda assim, o objetivo de Moretti – e também o desta dissertação ao analisar os romances de Machado e de Taunay – não é apenas comparar ambas as possibilidades de espaços, mas de traçar padrões reconhecíveis a partir de intenções geográficas dos autores, como veremos adiante.

A metodologia do autor busca o uso sistemático de mapas, dissecando o texto e trazendo relações de forma analítica (2003, p. 13). Tal dissecação procura estabelecer de forma clara os padrões que poderiam ser ignorados ou apagados ao longo do texto, mas que, com sua sistematização (estabelecimento de trajetos entre as freguesias ou entre as cidades, por exemplo, ou, ainda, quais personagens acessam cada espaço e em que momento), tornam-se evidentes. O mapa funciona, então, como forma de defender a existência de um padrão analisado, visualmente, a partir de questões colocadas pelo pesquisador (2003, p. 14). Tal sistematização de padrões depende de uma disposição simples e baseada em abundantes dados (2003, p.15).

Pretende-se, então, utilizar cada mapa a ser desenvolvido como uma questão a provocar os romances analisados, como forma de experimentação. Não se abarca nele todas as possibilidades dos romances, mas é possível identificar um caminho presente nas obras. Como afirma Moretti, “os mapas trazem à luz a lógica *interna* da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza” (2003, p.15) e, ainda, “os mapas não me interessam porque eles podem ser “lidos” mais ou menos como um romance – mas porque eles mudam o modo como lemos os romances.” (2003, p.15).

O mapa, portanto, aparece como ferramenta. São ferramentas para gerar padrões e serem sua representação. O padrão traz clareza, o que o torna interessante e útil para o pesquisador estabelecer um ponto de partida para outras pesquisas.

A essência do texto de Moretti é justamente essa: tratar o mapa como ferramenta. Ainda que houvesse diversos atlas literários com esboços geográficos ao longo do século XX, o autor indica que tais mapas teriam um papel periférico, decorativo, não útil como a

¹⁵ Onde está hoje a Rua Primeiro de Março, ex Rua Direita, próximo a ainda existente Igreja da Ordem Terceira do Carmo. Disponível em: <http://rio-curioso.blogspot.com/2009/10/carceler.html> Acesso em: 04 fev. 2018.

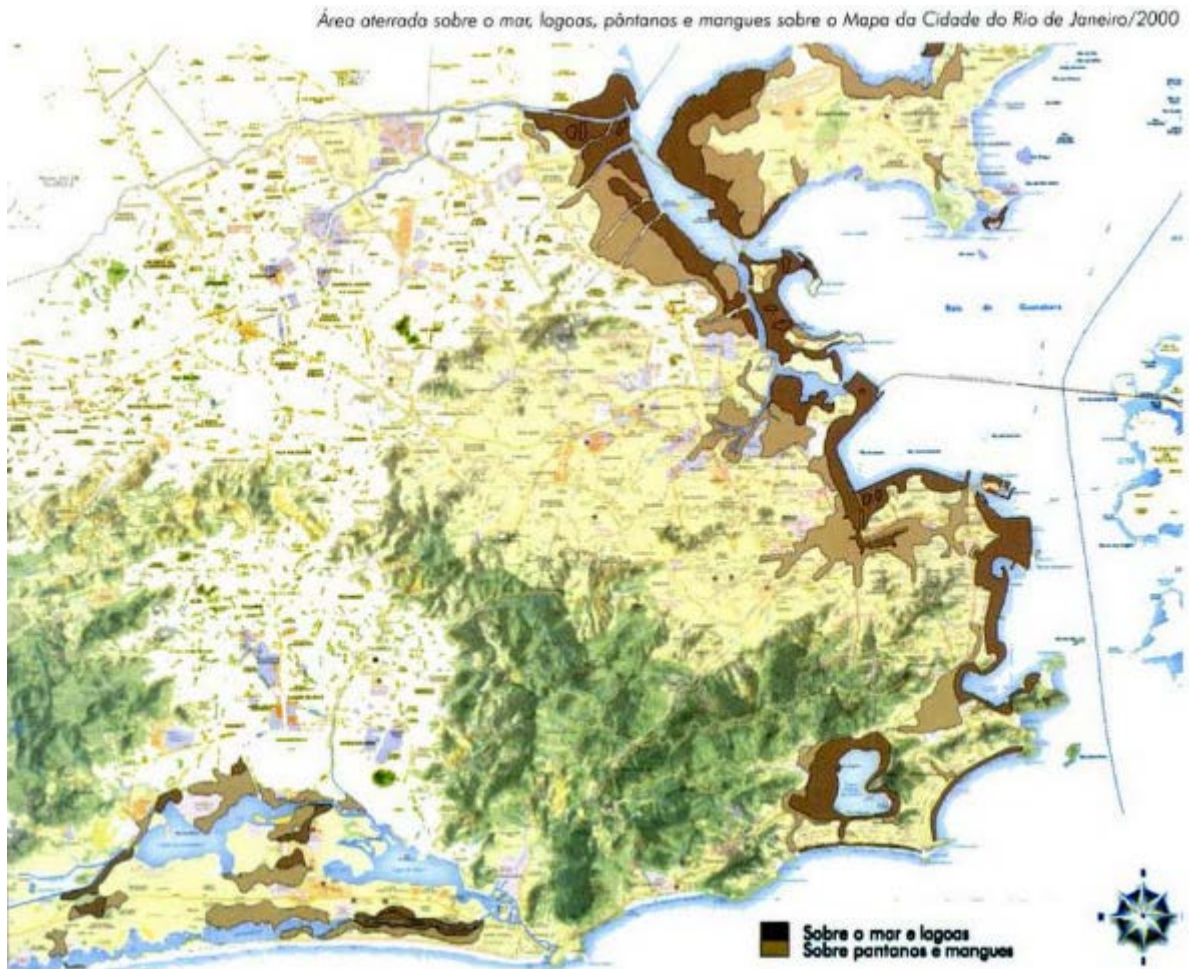
sistematização que ele propõe, a partir de dados recolhidos e analisados (2003, p. 17). Como cita o autor, “às vezes, até mesmo surgem no final do texto – quando o discurso acabou” (2003, p. 17). Portanto, estabelece-se aqui outro importante ponto para o método deste trabalho: utilizar mapas que acompanham o texto, em vez de apêndices ao final do trabalho, assim como no texto de Moretti, uma vez que eles são pontos que dão a partida para a interpretação, têm significado. O autor ainda advoga pelo uso de mapas em preto-e-branco, graças à sua simplicidade e clareza, como método. Neste trabalho, porém, seguiremos outra perspectiva: a de utilizar mapas coloridos. Acredita-se que, com organização e significado definidos para as cores, além de legendas simples, a leitura dos mapas ficará mais fácil e intuitiva.

Houve o cuidado, ainda, de observar as mudanças feitas pelo homem na geografia do espaço analisado por nós: especificamente a cidade do Rio de Janeiro sofreu diversos aterramentos. Para a análise desse fator, ainda optamos por consultar continuamente, junto à perspectiva metodológica de Moretti, o trabalho extenso realizado pela arquiteta e urbanista Verena Andreatta, ex-secretária municipal de urbanismo do Rio de Janeiro, em seu *Atlas Andreatta: atlas dos planos urbanísticos do Rio de Janeiro de Beaurepaire-Rohan ao Plano Estratégico*¹⁶ e também no livro *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*¹⁷. Em especial, o mapa que resume os aterramentos aos longos dos séculos ajudou na tarefa de realizar os mapas que se concentram na região entre Botafogo e o Centro, como visto a seguir:

¹⁶ ANDREATTA, Verena. *Atlas Andreatta: atlas dos planos urbanísticos do Rio de Janeiro de Beaurepaire-Rohan ao Plano Estratégico*. Vivercidades, 2008.

¹⁷ Id. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Mauad Editora Ltda, 2006.

Figura 3 – Mapa de Andreatta: “Área aterrada sobre o mar, lagoas, pântanos e mangues sobre o Mapa da Cidade do Rio de Janeiro/2000”



Fonte: ANDREATTA, Verena. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

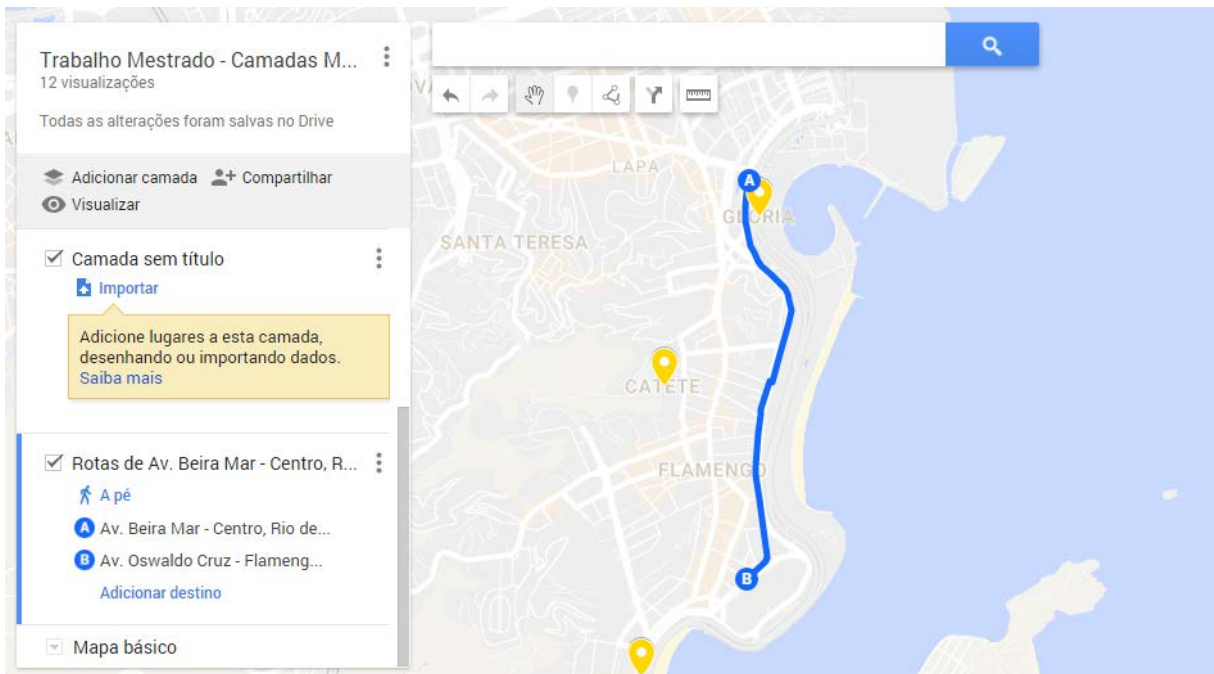
(2006, p. 27)

Conforme relatório do município, de Andreatta, Chiavari e Rego (2009, p. 6-8)¹⁸, é importante observar as obras da gestão do prefeito Pereira Passos, com o primeiro grande aterro marítimo com a demolição do Morro do Senado, com a criação da Avenida Francisco Bicalho, da Avenida Central (atual Av. Rio Branco) e, principalmente, da Avenida Beira-Mar, da praia de Santa Luzia (que também já não existe) até o Largo da Glória, que afetará bastante os territórios em que as personagens analisadas transitam.

¹⁸ ANDREATTA, Verena; CHIAVARI, Maria Pace; REGO, Helena. *O Rio de Janeiro e a sua orla: história, projetos e identidade carioca*. Coleção Estudos Cariocas, n. 20091201, p. 1-16, 2009.

Procuramos utilizar como ferramenta o *Google My Maps*¹⁹, que permite a utilização de mapas simples ou complexos (com uso de satélites, por exemplo), para construir os próprios mapas. Tivemos de utilizar de subterfúgios como marcar as rotas a pé nas áreas aterradas para modificação em editor de imagens para que o mapa não mostrasse as áreas aterradas atualmente, como exemplifica a imagem a seguir, de estágio inicial de construção dos mapas em *Memorial de Aires*.

Figura 4 – Construção de rota entre as atuais Av. Beira-Mar e Av. Oswaldo Cruz para exclusão de área aterrada entre Centro e Flamengo, utilizando a ferramenta de edição *Google My Maps*



Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

Além de observarmos tais questões práticas de cartografia, procuramos observar também a linguagem utilizada nas obras, que afeta a forma como percebemos o espaço. Graças à citação de Moretti (2003, p. 19) acerca da obra de Kristin Ross, “*The Emergence of Social Space*”, que versa sobre conceitos de geografia e sua relação com a imaginação literária, buscou-se consultar o texto “*Rimbaud and Spatial History*”²⁰, da autora, de forma direta, para apreciar diretamente os conceitos indicados. Segundo o texto analisado (1988, p. 60), há a ligação entre as personagens e o espaço em que vivem (“Pedro Velasquez de

¹⁹ Google My Maps. Disponível em: <<https://www.google.com/mymaps>> Acesso em: 29 jun. 2018.

²⁰ ROSS, K. Rimbaud and spatial history. *Assemblage*, n. 6, 49-61, jun. 1988. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3171044>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Havana”). Mesmo que não existam, o tipo de personagem que é apresentado está ligado aos espaços em que circula, assim como às relações econômicas e sociopolíticas – até mesmo étnicas – de que participa. Como cita Ross:

Rimbaud peoples his landscapes, but peoples them in such a way that 'Pedro Velasquez' functions neither as accessory nor decor: Rimbaud's comprehension of space allows social relations to prevail: space as social space, not landscape.²¹ (1988, p. 60)

Portanto, é o sistema de organização dos padrões entre personagens e espaço que importa e não os referentes em si, conforme a visão marxista da autora. Há a análise das disposições e não de cada referente como comparação entre ficção e realidade. O que é importante é o que aquilo representa na história (“um homem branco”, por exemplo), mais do que se cada povo ou pessoa existe na realidade como referente. Tal método não se aplica somente às personagens analisadas, como também ao espaço, neste trabalho.

Outro ponto importante a ser levado em consideração a partir de Ross é a linguística do espaço. Como analisar os termos geográficos linguisticamente? A autora indica a diferença entre “Guianas” e “*nossas* Guianas”, ou seja, como analisar os determinantes que acompanham os termos geográficos (1988, p. 58-9):

The possessive plus the proper name indicates an instance of what language philosophers following Russell call ‘definite description’ [...]. This use of definite description is a referential function; a formulation capable of shifting its referent according to time, speaker, use context [...]. The possessive here functions as a shifter, indicating the particular sociopolitical reality of its enunciation – thus, a use of geographical place-names in a historical, non-timeless way.²²

Portanto, apesar de o espaço ter como característica essencial a permanência em um espaço urbano, é possível analisar linguisticamente a forma como esse é apresentado. Muitas vezes no sintagma está escondida a significação do espaço. Portanto, ao longo do trabalho, desenvolveremos reflexões linguísticas, também, para estabelecer padrões importantes a serem traduzidos cartograficamente.

²¹ “Rimbaud personifica suas paisagens, mas as personifica de uma maneira que ‘Pedro Velasquez’ não funciona nem como acessório nem como decoração: a compreensão de Rimbaud acerca de espaço permite que as relações sociais prevaleçam: espaço como espaço social, não como paisagem.” (tradução nossa)

²² “O pronome possessivo junto ao nome próprio indica uma instância a que os filósofos da linguagem conforme Russell chamam de ‘descrição definida’ [...]. Esse uso da descrição definida é uma função referencial, uma formulação capaz de mudar seu referente de acordo com o tempo, o falante, o contexto de uso [...]. O pronome possessivo aqui funciona como um transformador, indicando a realidade sociopolítica particular de sua enunciação – portanto, com o uso de nomes de lugares geográficos de uma maneira histórica e atemporal.” (tradução nossa)

Moretti indica, adiante, a importância da morfologia para que se monte a ficção: “o romance se inclina para a representação do cotidiano e prefere uma realidade próxima, bem conhecida” (2003, p. 66). Nos romances urbanos, inclusive, essa familiaridade permitirá o desenvolvimento de diversas histórias paralelas (2003, p. 70), fator a ser examinado nos romances escolhidos. Caso o ambiente fosse de difícil visualização – relembrando que o leitor “vê” o ambiente, aceitando o pacto narrativo – seria mais trabalhoso dispor de diversas tramas paralelas. O apagamento das personagens que vão à Europa, como Tristão e Nóbrega e seu reaparecimento são fatores a serem considerados nessa análise.

Voltando à análise de Moretti, que sabiamente nos trouxe as reflexões de Ross, trata-se das inclusões e exclusões intencionais acerca do espaço (2003, p. 23). Ao analisar os romances, deve-se perguntar: quais áreas são incluídas? Quais áreas são excluídas? O que isso significa para a narrativa?

A partir dessas perguntas, é fácil decidir pela inclusão da análise do romance “Esaú e Jacó”, também de Machado de Assis, graças à presença do Conselheiro Aires, em período cronologicamente anterior, na linha do tempo ficcional das narrativas. Quais as áreas – sejam freguesias, cidades, países etc. – incluídas ou excluídas em ambas as narrativas? Como aparecem essas áreas? De forma ligada à natureza, ou às novas tecnologias que retratam o paradigma de progresso finissecular? O que podem simbolizar? Essas respostas virão de forma detalhada no capítulo que trata do *Memorial de Aires*.

O autor começa a delinear as funções da geografia literária, portanto, que embasarão nosso método ao longo do desenvolvimento (2003, p. 24): “É um primeiro exemplo do que a geografia literária pode nos dizer; de imediato, duas coisas: o que *podia* estar num romance – e o que realmente *está* ali” (grifos do autor).

Moretti também indica a importância de analisar onde se concentram os espaços reais a que se referem os romances, conforme o recorte temporal. Como o recorte temporal desta dissertação é extremamente curto, ligado ao final do século XIX, é importante notar a importância do Rio de Janeiro econômica, social e culturalmente, para ser palco de ambos os romances – um contextualizado em meio a uma crise econômica e o outro com protagonista importante política e socialmente, um diplomata, envolvido com as reminiscências da Proclamação da República.

Ao começar a introduzir mapas que acompanham o seu texto, o autor ainda os compara entre si, são contrastantes ou se integram? É importante, como metodologia, também, analisar os mapas formulados, conjuntamente, acerca de cada romance e entre os romances, inclusive.

Também se verifica uma comparação constante entre o espaço real e o espaço ficcional: são assimétricos ou sobrepõem-se? Moretti apresenta: “Uma assimetria do real e do imaginário – da geografia e da literatura – que será recorrente ao longo da presente pesquisa” (2003, p. 29-30). Pretende-se delinear quais seriam as funções de cada espaço nos romances analisados, quais eventos ocorrem em cada tipo de espaço (real ou ficcional), quais personagens frequentam cada um desses tipos etc. É crucial perguntar-se: qual a função narrativa específica da “versão” apresentada por meio do espaço ficcional? Pode ser retratar os costumes da nova burguesia e da elite imperial, ou trazer reflexões acerca da heterogeneidade da população em uma metrópole, por exemplo.

Além disso, assim como Bourneuf e Ouellet, Moretti analisa os deslocamentos, ou como os chama, as viagens (2003, p. 30). Quantas viagens são realizadas ou são citadas? Quais as suas motivações ou quais as motivações para lembrá-las? Qual a importância, por exemplo, de lembrar o transporte do corpo de Noronha, marido falecido de Fidélia para o Cemitério São João Batista, em vez de esse ter continuado na Europa?

Quais são os destinos e partidas das viagens? O quanto essas viagens ajudam a dar forma ou a deformar o mapa? Pode ser que o exterior seja simplesmente “o outro”, “o desconhecido”, ou que este tenha características bastante específicas para as personagens. Procuramos analisar a segunda possibilidade, a de que os lugares exteriores ao espaço fluminense são escolhidos especificamente, conforme padrões bem estabelecidos. Quais os valores que são atribuídos às personagens conforme eles transitam de um ambiente a outro? As viagens transformam essas personagens, intrinsecamente? Certamente não são consideradas neutras. Petrópolis vem como um ambiente certo de encontro para a alta sociedade fluminense ao final do ano, um lugar inclusive para que os gêmeos Pedro e Paulo encontrem pretendentes para o casamento. Moretti afirma que o exterior pode ser apresentado apenas para indicar a presença ou ausência de uma personagem, de forma a organizar o enredo. Acredita-se que os romances analisados, por seu recorte, aproximem-se mais da geografia concreta do que da geografia mítica apresentada por Franco Moretti, indicador de ausência, apenas (2003, p. 39), uma vez que a Europa aparece constantemente com citações ligadas a luxo e requinte, além de valorização da literatura europeia como formuladora de imagens e simbolismos. Ainda assim, é importante definir o que o “outro”, significa nos romances de Machado e de Taunay.

A partir dos lugares fixos e das viagens, pergunta-se: qual o tamanho do “mundo” analisado (2003, p. 32)? O que as suas fronteiras significam? Quando se atravessa as fronteiras, isso altera de alguma forma o comportamento ou os valores das personagens?

Pensemos na importância do retorno de Aires e sua aposentadoria, ou mesmo na desconfiança do retorno de Tristão, para o casal Aguiar. Essa travessia altera o ritmo da narrativa ou os eventos possíveis? Além de analisar as fronteiras, é necessário analisar a distância em si e seus significados – é uma categoria absoluta (aqui ou distante) ou tem gradações? Caso haja gradações, pode ser medida de forma concreta – seja em quilômetros ou em minutos de viagem?

Os locais fixos são próximos a essas fronteiras? Trata-se de um romance próximo ou longe do centro (2003, p. 46)? O que isso pode significar? Entrevê-se, inicialmente, a necessidade de se estar próximo à Corte nos romances analisados, logo verificaremos essa importância de se estar perto do “centro”, ou mesmo de Botafogo e da Glória.

Há diferenciação, no romance, entre fronteiras internas e externas ao Brasil? Qual a diferenciação de quem vem da Paraíba do Sul e quem vem de Portugal, por exemplo? É, ainda, crucial analisar os diferentes tipos de fronteiras, conforme Moretti, para gerar os padrões desejados (2003, p. 46). São fronteiras antropológicas ou geográficas? Elas estabelecem uma diferenciação de desenvolvimento, seja esse tecnológico, econômico ou social? Tanto Maricá como Petrópolis são próximos ao Rio de Janeiro, por que são vistas de forma tão heterogênea? Claramente há ligação com a presença imperial na cidade de Petrópolis, antes da Proclamação da República. Ainda é possível analisar os encontros que ocorrem durante esses deslocamentos, na estrada, em que se encontram personagens diversas e cujo ritmo das cenas é estabelecido pelo meio de transporte, como acontece com Aires (2003, p. 59), em suas constantes conversas cujo final muitas vezes é determinado pelo final da viagem, inclusive como ferramenta de encerramento.

Moretti defende a leitura do tempo no espaço, como já analisamos (2003, p. 46) e como também preconiza Dimas. A permanência, tão importante para o Conselheiro Aires, é ferramenta importante para analisar o tempo e a mudança de um século para outro em ambos os romances. Pretende-se, então, analisar essa relação entre espaço e tempo – passado, presente e futuro – seja ligada à previsão do futuro tecnológico ou à segurança em relação à permanência do Rio de Janeiro, ou insegurança em relação ao estouro da bolha econômica e às mudanças rápidas do espaço fluminense.

A partir da simbologia de fronteiras e distâncias, muitas vezes é possível perceber ideologias por trás dos padrões observados, é a *geografia de ideias*, apresentada por Moretti (2003, p. 39). Certa parte do exterior estaria representada pelos vilões para Moretti. Cabe identificar o que os estrangeiros significam e o que as famílias que vêm do interior significam para as obras. A alteridade é vista de forma negativa ou positiva? Acreditamos que a

alteridade para o exterior do continente europeu é vista de forma positiva, mas a alteridade para o interior pode ser vista como apagamento ou de forma negativa, pois seriam mais pobres aqueles do interior.

Em seu primeiro interlúdio teórico, Moretti discute a relação entre espaço e estilo: “*as escolhas estilísticas são determinadas por uma posição geográfica espacial*” (2003, p. 52, grifos do autor). A linguagem figurada, o tropos, tem relação próxima com a forma como o espaço é disposto, segundo o autor: trata-se de um “*continuum* espaço-tropo” (2003, p. 54, grifo do autor). As fronteiras – sejam elas geográficas ou não – possuem valor de metáfora, relacionando “espaço”, “tropos” e “enredo”, entre si, indissociavelmente. Porém, para que servem essas metáforas espaciais, na economia do texto? Por que abundam? Consideramos, como já tratado, que certos ambientes inferem certas personagens e certos comportamentos, embora as personagens não estejam acorrentadas a eles. Espera-se que a alta sociedade ande pelo Catete, Glória, Botafogo, mas chama atenção quando vai a bairros como Saúde, Castelo e outros do Centro como periferia social.

Como esse *continuum* é estabelecido hierarquicamente, já começa a delinear os padrões a serem transformados em mapas, metodologicamente, estabelecendo o “desenho semântico” do entorno (2003, p. 57) e delineando o desconhecido a partir de padrões já conhecidos, conforme o autor.

Já em seu segundo interlúdio teórico, o autor disserta especificamente acerca da significação dos mapas (2003, p. 81). Trata-se de demonstrar que o que ocorre especificamente em um espaço não poderia ser transplantado para outro sem perda, como aconteceria em caso de ambientação conforme conceituação de Dimas: “*cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria espécie de história*” (2003, p. 81, grifos do autor). Mais do que prender o enredo ou as personagens ao ambiente, pretende-se demonstrar a funcionalidade do espaço para ambos. Afirma, ainda, Moretti: “O espaço não é o “fora” da narrativa, portanto, mas uma força interna, que o configura a partir de dentro” (2003, p. 81). Cada função seria, então, ligada ao seu espaço e este “é enfatizado *nas funções mais significativas*, aquelas que abrem ou fecham uma sequência importante do enredo” (2003, p. 82-3).

No terceiro interlúdio teórico, que se desenvolve no segundo capítulo do livro, que trata do ambiente urbano em si, Moretti valoriza a aleatoriedade da análise microscópica dos espaços urbanos, embora a cidade, macroscopicamente, pareça organizada. Como estabelecer padrões a partir dessa aleatoriedade? Demonstra-se ao longo do capítulo que uma das funções do espaço no romance é reduzir essa aleatoriedade a partir dos padrões estabelecidos.

Construir mapas para demonstrar os padrões já pré-estabelecidos, então, se trata de importante ferramenta para demonstrar a economia no romance gerada pelo desenvolvimento do espaço, por meio de *simplificações* (2003, p. 115). Essas tornam o sistema urbano “mais fácil de compreender e de habitar” (2003, p. 115), a partir de um sistema intrinsecamente binário (2003, p. 117), ou seja, oposicional e simples. Esse sistema indica espaços de exclusão para grupos específicos de personagens (2003, p. 120), permitindo uma análise mais objetiva.

Outra perspectiva também se abre além da de economia, neste interlúdio teórico. A partir de exemplificação da obra de Balzac, Moretti permite-se indicar autores que trabalham as complicações do espaço – tal como a interação entre diferentes grupos sociais – como potencialidade. Em vez de um sistema binário, demonstra-se a figura do meio-termo, em meio a oposição simples.

Em seu quarto interlúdio teórico, Moretti trata do estudo quantitativo dos romances, importante ponto metodológico, para evitar a circunscrição a cânones analisados. Ao estabelecer como ponto importante da metodologia analisar quantitativamente as ocorrências desejadas, estabelece-se um contexto histórico sólido para a análise (2003, p. 159). A partir de análise quantitativa, estabelecer normas, padrões, como este subcapítulo reitera continuamente: “*a maior parte da literatura é literatura normal*” (2003, p. 160, grifos do autor), afirma Moretti. Assim, estabelecemos uma tabela dinâmica com uso da ferramenta do Office, Excel, a ser simplificada em sua impressão, como apêndice.

Já no seu quinto interlúdio teórico, Moretti indica uma polaridade entre centro e periferia importante de ser levada em consideração para analisar as origens e viagens das personagens dos romances de Taunay e de Machado, a partir da análise do provincianismo a cada aproximação da periferia. Há a valorização do centro: “*o romance é o mais centralizado de todos os gêneros literários*” (2003, p. 175, grifos do autor). Como já proposto, não se pode realizar ambas as narrativas escolhidas fora do ambiente da Corte Imperial e de sua elite, ainda que sem Império e isso favorece a visão da vida no centro como a vida “verdadeira”, sendo os provincianos prejudicados, dada essa “*semelhança forçada*” (2003, p. 175, grifos do autor), que normatiza a cidade apresentada, evitando que alguma personagem disponha intencionalmente de características indesejadas na sociedade.

Moretti ainda trata do público leitor que se dedica aos romances da época, valorizando os romances mais longos como uma primeira revolução na indústria do entretenimento (2003, p. 181). Tratava-se, segundo o autor, de força dupla: de difusão generalizada por parte do público e de produção centralizadora, favorecendo uma perspectiva específica a ser difundida

largamente. Isso nos leva ao último interlúdio teórico de Moretti, que trata de consequências dessa revolução no mercado de trabalho.

Em seu sexto e último interlúdio teórico, o autor indica a geração de desigualdade por parte da difusão de tais perspectivas sólidas. A partir do sucesso da forma de romance valorizada, esta se difunde largamente, com alterações de detalhes:

[...] à medida que o romance histórico se difunde pela Europa e depois pelo mundo, seu *enredo* permanece constante [...] – enquanto suas personagens mudam (e se tornam “locais”). Por um lado, a *solidez* da hegemonia simbólica (uma forma inalterada que se difunde pelo globo); por outro, sua *flexibilidade* (detalhes, que mudam com cada lugar diferente, tornam a forma reconhecível e atraente para cada público nacional. (2003, p. 203, grifos do autor)

Portanto, a funcionalidade dos padrões e a hierarquia de que tratam tanto Dimas como também Moretti não mudam, em geral (2003, p. 204), mas há diversas atualizações por se tratar de ambiente fluminense e com narrativas diversas.

Com o desenvolvimento deste subcapítulo ficou clara a aproximação com a geografia literária e as especificidades metodológicas para realizar uma análise-interpretativa, como postulado por Dimas, não de forma meramente ilustrativa. Com as informações aqui dispostas, tais como a opção por mapas coloridos, estabelece-se um padrão para hierarquizar as informações analisadas, mesmo que estas apenas indiquem ausências no texto, em espaços fixos ou em viagens, estabelecendo mesmo os padrões simbólicos das ambientações indicadas por Dimas, analisando-se inclusive o ritmo das narrativas. Um importante ponto desenvolvido por Moretti é o acerca da morfologia da literatura, com análises da linguagem de forma estruturada. Lembra-se também a necessidade de se comparar continuamente espaço real e espaço ficcional. Também a valorização da centralização da literatura em relação ao recorte da Corte escolhido pela dissertação é importante ponto a se pensar ao analisar os textos. A partir desses postulados, os seis interlúdios teóricos de Moretti trazem um guia ímpar para a escrita deste trabalho, principalmente valorizando o trabalho de geração de dados, quantitativo.

Cabe, finalmente, a Maurice Blanchot, alinhar as perspectivas teóricas necessárias para completar nossa perspectiva junto aos teóricos já apresentados, com sua visão ímpar acerca dos significados dispostos a partir de um espaço real ao espaço imaginário, como um fluxo infinito, sempre em trânsito.

1.4 **Em eterno trânsito: o Espaço como reflexo do imaginário – A visão de Maurice Blanchot**

Maurice Blanchot, ao longo de seus escritos, coloca em discussão a capacidade de se representar a imagem, o ídolo, de forma verdadeira. Ao discutir essa possibilidade para o espaço, torna-se de importância ímpar para essa dissertação, uma vez que conforme Moretti, a metodologia deste trabalho prega o constante contraste entre espaço real e ficcional. Foi escolhida especificamente a obra “O espaço literário”, de Blanchot, para desenvolver essa discussão quanto à representação da realidade. É mesmo possível estabelecer padrões próximos ao disposto pelos autores, conforme suas representações? Como fazê-lo?

A partir da discussão de simplificação de Moretti, é possível começar a discussão com os escritos de Blanchot. Maurice acredita na capacidade do imaginário tanto de simplificar ou comprimir além das limitações do mundo físico as imagens “traduzidas” do espaço, como também expandi-las e transcendê-las, de forma imaginativa. Como já defendido anteriormente, mesmo a ausência de um elemento presente no espaço real diz algo sobre a funcionalidade do espaço em um texto (2011, p. 47).

A tradução do espaço em espaço ficcional, ou imaginário, para Blanchot, é questão de distanciamento que permite uma visão diferente acerca do espaço. Portanto, como já supracitado, mesmo que espaço ficcional e real se sobreponham em alguns momentos, são diferenciados. Quando se distancia do espaço, é permitido, segundo Blanchot, organizá-lo, como propõe este trabalho, construindo uma narrativa que torna visível os padrões antes não vistos em uma primeira leitura acerca dos romances analisados, mas que dispõem-se apenas em eco do real (2011, p. 48). Portanto, se há equivalência ou reflexo entre o livro (espaço ficcional) e o espaço real, é como se a imagem do livro refletisse a imagem real, mas também afetasse o mundo real, logo haveria perda dos pontos de referência, uma vez que ambos estariam se refletindo e se modificando. A ficção e sua tradução – como todas as traduções, imperfeita – alterariam a realidade, afetando-a e aos poucos tornando sua imagem cada vez menos confiável. Para que o leitor possa se distanciar e ter uma visão menos dinâmica, mais fixa, acerca de tais influências, os padrões apresentados pelos mapas serão de mister importância.

A partir da análise da obra “O Castelo” de Kafka, Maurice debate acerca da imagem – essencialmente inalcançável – da experiência original, inenarrável por parte do artista:

Na obra, o artista não se protege somente do mundo mas [sic] da exigência que o atrai para *fora* do mundo. A obra doma e submete momentaneamente esse “lado de fora”, restituindo-lhe uma intimidade, ela impõe silêncio a esse lado de fora sem

intimidade e sem repouso que é a fala da experiência original. (2011, p. 49-50, grifo do autor)

Portanto, a partir da posterior imagem do topógrafo da obra de Kafka, Blanchot desenvolve a ideia da impossibilidade da representação do original. O topógrafo tem como objetivo específico de sua profissão, a partir de seu domínio do espaço, a representação, a quantificação, a análise, a limitação. Ainda assim, esse tipo é confrontado em uma situação em que o espaço verdadeiro nunca é alcançado, distancia-se continuamente no horizonte a experiência original, como afirmado por Blanchot, é também intocável, mesmo para aquele que dominaria o espaço literário (2011, p. 77). Ao mesmo tempo que sua profissão consiste em dominar o espaço, ele estaria ausente de todo e qualquer pertencimento de grupos tais com o familiar, dedicando-se especificamente a sua profissão.

Considerando-se a imagem do “castelo” como objetivo, o topógrafo encontra-se no espaço imaginário em si, pois já deixou a realidade do conhecido e não consegue realizar seu objetivo, está exilado no imaginário, entre o real e o perseguido, segundo o trânsito contínuo a ser seguido, em vez da completude. A própria travessia a procura da representação do espaço é o espaço ficcional, a própria contínua transposição e não a limitação do espaço real quanto à verossimilhança com o espaço ficcional, como apresentariam textos meramente ilustrativos, segundo Dimas.

O horizonte do castelo está deslocando-se para mais longe, mas nunca deixa de ser vislumbrado, em alusão à visão da verdade acerca do espaço real, que nunca pode ser tocado figurativamente ou, denotativamente, que não está ao alcance de ser reproduzida fielmente, apesar de não perder sua característica de objetivo. É essa a imagem demonstrada a partir do topógrafo, por Kafka, em “O Castelo”.

O vocabulário ligado a movimento é sugerido ao longo do texto por diversas vezes (movimento, afastamento etc.). É a estilística a serviço do espaço demonstrando sua característica de caminho infinito, segundo Blanchot, negando as imagens que se dizem permitidas e próximas ao original. Diz o autor, acerca de Kafka (2011, p. 85): “o artista [...], em desvelo por sua arte e em busca de sua origem, “o poeta” é aquele para quem não existe sequer um único mundo, porque para ele só existe o lado de fora, o fluxo do eterno exterior”. Ainda que nossos mapas demonstrem-se fixos, preponderam interpretações a partir deles, não se esgotando em si, como já dito.

Portanto, Blanchot parece encerrar a possibilidade de se chegar a uma verdadeira representação do espaço real e sua relação com o espaço imaginário – a partir da figura do topógrafo – ainda que esses tenham pontos de contato entre si. Acredita-se que tal visão é radical, mas ainda assim valiosa para a interpretação dos romances escolhidos, afinal não há

representação perfeita do Rio de Janeiro da obra *O Encilhamento* e suas cenas econômicas, nem das ambientações do Rio de *Memorial de Aires*.

Com o desenvolvimento deste subcapítulo ficou clara a ideia de caracterização do espaço como movimento infinito a ser levada em consideração ao simplificarmos os padrões desejados, firmando o espaço imaginário como ausente ao espaço real.

Cabe, então, a partir do próximo capítulo, traçar os padrões de análise a partir das obras de Machado de Assis, para confeccionar novos mapas no recorte do final do século XIX, com ajuda das ferramentas detalhadas neste primeiro capítulo, reunidas conforme os ensaios de seus teóricos e seus pontos de contato, além de considerações pessoais e lógicas (como o uso de cores nos mapas).

2 O ESPAÇO DO RIO DE JANEIRO EM MEMORIAL DE AIRES

2.1 A herança de Esaú e Jacó

Ao ser preparada a análise de *Memorial de Aires*, é necessário dar dois passos atrás para relembrar a herança da obra em que primeiro aparece a personagem Conselheiro Aires: *Esaú e Jacó*. Mais do que apresentar uma análise geral da narrativa, esta seção propõe-se a identificar os signos e padrões importantes em relação à representação do espaço apresentado em *Esaú e Jacó*.

Conforme fortuna crítica pouco extensa acerca dessa obra de Machado de Assis – quando comparada a obras continuamente estudadas, como *Dom Casmurro*, por exemplo –, procurou-se cotejar as informações diversas sobre o estilo diferenciado de Machado, de forma a aplicá-los a essa obra. Mais especificamente acerca da obra em questão, existem alguns pontos reconhecidos pelos teóricos: o autor John Gledson, em sua obra “Machado de Assis: ficção e história”, no quarto capítulo, afirma a essência da briga pelo poder entre os dois gêmeos, chamados Pedro e Paulo, ao longo da narrativa e a ligação política desta com o Império e a posterior República (1986, p. 168-9)²³.

Portanto, estabelecer a relação entre o espaço fluminense e a transição entre Império e República, recente em relação ao período em que se passa *Memorial de Aires* é essencial para este trabalho. Ainda que nos prendamos a não comparar o Conselheiro especificamente ao autor, indicamos que o burocrata Machado de Assis via com desconfiança tal transição. Conforme biografia de Magalhães Jr. (1981, p. 147)²⁴, Machado ficou traumatizado com o fim do regime e com o banimento do imperador, este fato aludido em *Esaú e Jacó*, inclusive, no capítulo LX (1994, p. 74). Ainda que fosse monarquista convicto, embora contra os privilégios da Corte Imperial, se acostuma com o novo regime republicano. O próprio título de “Conselheiro” é de alcunha imperial, havendo, conforme biografia de Magalhães Jr, a possibilidade de Machado ser nomeado, o que não aconteceu. Ele apenas foi condecorado com a comenda da Ordem da Rosa, durante o Império.

²³ GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

²⁴ MAGALHÃES Jr, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. (v. 3). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981.

Ser um Conselheiro do Império era um cargo de alto prestígio, pois suas “principais funções eram prestar aconselhamento ao rei – observando a Constituição e as leis e visando ao bem da Nação – e discutir matérias de grande relevância para o Estado”²⁵, conforme nos indicam o Arquivo Nacional e a Lei nº234, de 23 de novembro de 1841²⁶. Além disso, haveria, no máximo, 12 Conselheiros, indicando a alta importância do cargo. Portanto, há diversos pontos de contato entre as narrativas analisadas, suas ambientações e o período político tratado por elas, na realidade.

Podemos citar o enigmático episódio da troca de tabuletas – tratado extensamente nos capítulos XLIX, LXII e LXIII (1994, p. 58, 59; 75-79) – como representativo da passagem de um regime para outro, por exemplo, favorecendo um olhar de narrativa histórica em relação à obra *Esau e Jacó*. São muitas também as brigas políticas ao longo da obra, como a “luta dos retratos”, presente no capítulo XXVI, homônimo, em que os irmãos, ainda jovens, rasgam os retratos de veias políticas distintas (monarquista e republicano), demonstrando suas diferenças (1994, p. 32, 33). Sendo assim, fica evidente uma preocupação do autor em demonstrar uma narrativa que se alinhe à narrativa histórica, além de alinhar-se ao espaço do Rio de Janeiro como cidade externa à narrativa.

Em relação ao aspecto social e financeiro, verifica-se a presença de famílias que, graças ao seu sucesso político, se veem sustentadas financeiramente, o que vem a inflar a bolha que insurge o encilhamento, episódio tratado mais a fundo pela obra de Visconde de Taunay a ser analisada ainda neste trabalho. Mesmo a cobiça do Barão de Santos acerca do Palácio de Nova Friburgo (1994, p. 13-4), no capítulo IX, “Vista de palácio” demonstra como não havia como as personagens saberem do episódio financeiro que sucederia a história, embora o narrador a indique. O Palácio de Nova Friburgo viria a ser vendido para o ramo hoteleiro (Companhia Grande Hotel Internacional), para ser transformado em atividade econômica. Tal empreendimento não seria completado, falindo e voltando às mãos do governo, abrigando a sede do Governo Federal entre 1897 e 1960 e, nos dias de hoje, o Museu da República.²⁷

Com a rápida análise da obra que traz a personagem do Conselheiro Aires – conforme método de análise do romance que leva a uma tabela de dados que inferem padrões (os quais

²⁵ Arquivo | Império - Juramento dos Conselheiros de Estado (1842). Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/br/difusao/arquivo-na-historia/753-arquivo-imperio-juramento-dos-conselheiros-de-estado-1842.html>>. Acesso em: 15 jul. 2018.

²⁶ BRASIL. Lei nº234, de 23 de novembro de 1841. Criando um Conselho de Estado. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/leimp/1824-1899/lei-234-23-novembro-1841-532611-publicacaooriginal-14883-pl.html> Acesso em: 17 jul. 2018.

²⁷ O museu. Disponível em: <<http://www.museudarepublica.museus.gov.br/o-museu/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

possibilitarão a confecção de mapas) – identificaram-se algumas áreas continuamente trabalhadas ao longo do romance e seus padrões, a serem tratados a seguir: o Rio de Janeiro (como metrópole e cidade bastante heterogênea, portanto; ao mesmo tempo local de permanência e afetividade para o Conselheiro Aires); a Europa (como símbolo de requinte); o exterior ao Brasil, em geral (como símbolo do exótico, do distante, do desconhecido); o interior do Rio de Janeiro e do Brasil (como afastamento, destino de viagens, até mesmo decadência, como Maricá, por exemplo); as grades cidades brasileiras como extensão do requinte do Rio de Janeiro (principalmente Petrópolis e São Paulo) e as narrativas de viagens e deslocamento (tanto rotineiras de carruagens dentro da cidade, como para fora do Rio de Janeiro, também). Tais áreas serão tratadas a seguir.

2.1.1 Rio de Janeiro – uma metrópole e suas desigualdades; permanência e afetividade

Um primeiro simbolismo trazido por *Esau e Jacó* e que se acredita repetir em *Memorial de Aires* é a questão da memória afetiva e da fixação de raízes do Conselheiro em um espaço específico: o fluminense. Segundo Machado (1994, p. 37): “(...) era homem de todos os climas, mas tinha particular amor à sua terra, e porventura estava cansado de outras.” É o Rio de Janeiro que pertence ao Conselheiro, no capítulo XXXII, assim como o seu bairro, do Catete. A permanência da cidade e suas poucas mudanças são o que encorajam o Conselheiro a afixar-se ali, conforme suas observações, ainda que a sua irmã Rita queira levá-lo para o Andaraí. O Rio de Janeiro e, principalmente, o Catete, aqui, demonstram o simbolismo de permanência, em Machado: “Também a cidade não lhe pareceu que houvesse mudado muito. (...) a velha cidade era a mesma. A própria casa dele no Catete estava bem conservada.” (1994, p. 37).

A relação entre permanência dos velhos bairros centrais em relação à mudança do Andaraí (ou mesmo de toda a Tijuca ou Copacabana, símbolos de transformação) é denotada quando Rita pergunta ao irmão por que preferiria viver com estranhos a viver com ela, ao que Aires retruca que suas companhias não serão pessoas, mas o próprio espaço, que não lhe é estranho, denotando uma primeira inclinação à personificação, depois retomada pelas impressões de Nóbrega, como veremos adiante: “Que estranhos? Não vou viver com ninguém. Viverei com o Catete, o Largo do Machado, a Praia de Botafogo e a do Flamengo, não falo das pessoas que lá moram, mas das ruas, das casas, dos chafarizes e das lojas.” (1994,

p. 38). Ainda que o conselheiro se prenda inicialmente ao Rio de Janeiro, acredita-se que ele esteja se prendendo à ideia, ao simbolismo, de permanência, não ao espaço fluminense em si.

O Rio de Janeiro representa a permanência de um local conhecido para o Conselheiro que viajou por diversos lugares ao longo de sua carreira, já em *Esau e Jacó*. Mesmo o confeitiro Custódio afirma a afetividade por parte do Conselheiro Aires acerca da tabuleta velha, em capítulo homônimo, quando busca a aprovação do amigo em relação à reforma, mas afirma que ainda que o amigo a aprove, “sentirá comigo a separação da outra, a minha amiga velha, que nunca me deixou (...). V. Excia., quando se aposentou, veio achá-la no mesmo lugar em que a deixou por ocasião de ser nomeado. E tive alma para me separar dela!”²⁸ (1994, p. 60).

Seguindo essa perspectiva, o ideário de mudança que cerca o final do século XX não encontra apoio por parte do Conselheiro que se reconhece como no final de sua vida. Não se pode esquecer que a obra *Esau e Jacó* é lançada em 1904 e *Memorial de Aires* em 1908 e que Machado trabalhara no Ministério relacionado às grandes mudanças do Centro, entre elas a abertura da Avenida Central. A perspectiva de mudança iminente, portanto, é muito viva a toda a cidade, inclusive para o autor. Na obra de *Esau e Jacó*, ao falar da mudança das tabuletas da confeitaria, com o significado político supracitado, e da obra na enseada de Botafogo, o Conselheiro Aires afirma preferir não ver as consequências de todas essas transformações, no capítulo L, “O tinteiro de Evaristo”:

Aqui está uma obra, que é mais velha que o tinteiro do Evaristo e a tabuleta do Custódio, e, não obstante, parece mais moça, não é verdade, D. Perpétua? (...) A enseada não difere de si. Talvez os homens venham algum dia a atulhá-la de terra e pedras para levantar casas em cima, um bairro novo, com um grande circo destinado a corridas de cavalos. Tudo é possível debaixo do sol e da lua. A nossa felicidade, barão, é que morreremos antes. (1994, p. 60)

Mais adiante, Aires teme a mudança do final da vida e do final do século, no capítulo LIII, “De confidências”, ao analisar o exemplar do Código Criminal de Batista com as anotações de um jurista e lembrar o espaço do passado e sua população:

[...] o tempo, a gente, a vida, coisas passadas, surdiam a espia-lo por detrás do livro com que tinham vivido, e Aires ia tomando a ver um Rio de Janeiro que não era este, ou apenas o fazia lembrado. Nem cuides que eram só réus e juizes, era o passeio, a rua, a festa, velhos patuscos e mortos, rapazes frescos e agora enferrujados como ele. (1994, p. 66)

É também com nostalgia que Nóbrega enxerga a cidade, inclusive personificando-a. Nóbrega tem medo de ser reconhecido pelas pessoas, pois teria sido um mendigo e agora era

²⁸ Optou-se por manter a grafia da abreviatura de V. Ex.^a. como V. Excia., sem atualização para o Novo Acordo.

rico. Ainda assim, em seus passeios pelo Centro, tem a impressão que as casas o reconhecem, no capítulo LXXIV, “A alusão do texto”:

Só as casas, que eram as mesmas, pareciam reconhecê-lo, e algumas quase que lhe falavam. Não é poesia. O ex-andador sentia necessidade de ser conhecido das pedras, ouvir-se admirar delas, contar-lhes a vida, obrigá-las a comparar o modesto de outrora com o garrido de hoje [...] (1994, p. 90)

Há, portanto, antropomorfismo do Rio de Janeiro já em Esaú e Jacó, pelas lentes de duas pessoas “antigas”, Aires e Nóbrega. Ainda que Nóbrega tenha medo de ser reconhecido pelas gentes, faz questão que a cidade saiba secretamente o quanto ele cresceu, não sendo mais um andarilho, um pedinte.

Tal nostalgia não é compartilhada pelos jovens que nasceram há apenas 20 anos, Pedro e Paulo no capítulo LXXXIX, “O dragão”:

Pedro e Paulo ouviam com atenção, mas não sentiam nada do que despertava os ecos da alma do diplomata. Ao contrário, tinham vontade de rir. Que lhes importava a notícia de um velho café da Rua Uruguaiana, trocado depois em teatro, agora em nada, uma gente que viveu e brilhou, passou e acabou antes que eles viesse ao mundo? O mundo começou vinte anos antes daquela noite, e não acabaria mais, como um viveiro de moços eternos que era. (1994, p. 103-4)

Portanto, a nostalgia alimentada para o *Memorial de Aires* vem por parte da velhice, da aposentadoria de Aires, contrastando com a vontade dos jovens. Ao final do livro, Aires parece ceder ao fato de que as cidades mudam, em contraposição a sua aversão à mudança, como observado no capítulo CXVI, “De regresso”: “As moças ele [, Aires,] sabia muito bem que cediam ao tempo, como as cidades e as instituições[...]” (1994, p. 129). Nóbrega também já estava na velhice quando retorna, embora passeie pelo centro novamente, observando os tipos de pessoa que por ali passam.

Conforme o exemplo de Nóbrega poder transitar como pedinte ou como novo rico no Centro, indica-se a heterogeneidade desse bairro. O Centro é onde anda o povo, onde andam as multidões, das quais Aires tinha horror, como visto no capítulo XXXIX, “Um gatuno” (1994, p. 46). Apesar da Rua do Ouvidor ser o principal local das boutiques, em que as personagens da alta sociedade se encontram constantemente para conversar – como, por exemplo, no capítulo LXXXVII, “Entre Aires e Flora” (1994, p. 102): “Esqueceu-me de dizer que esta conversação era à porta de uma loja de fazendas e modas, Rua do Ouvidor. Aires ia na direção do Largo de São Francisco de Paula e viu a mãe e a filha dentro, sentadas, a escolher um tecido.” –, é o lugar público, pois está próximo ao morro do Castelo, pobre e desorganizado, como a visita no início do livro à cabocla do Castelo presume, as senhoras

Perpétua e Natividade destoando daquele lugar, já no capítulo II, “Melhor de descer que de subir” (1994, p. 5): “Perpétua compartia as alegrias da irmã, as pedras também, o muro do lado do mar, as camisas penduradas às janelas, as cascas de banana no chão.”

Ao tratarmos da cidade do Rio de Janeiro, em si, podemos citar a relação com o interior do Brasil, trazida pelas cidades de Maricá e Petrópolis, de forma contrastante, além do eixo Rio–São Paulo. O que elas significam para a obra *Esau e Jacó*? Ao analisarmos o interior do Rio de Janeiro e do Brasil, em subcapítulo posterior, veremos que há distinção qualitativa nas impressões das personagens entre a metrópole e o interior, mesmo para as relações sociais e financeiras.

2.1.2 O Interior do Rio de Janeiro e do Brasil – decadência e viagem

Ao tratarmos da cidade do Rio de Janeiro em si, vemos a relação com o interior fluminense e brasileiro. Sublinhamos, principalmente, a cidade de Maricá, que representa pobreza em relação ao Rio de Janeiro. Sua primeira aparição, no capítulo IV, “A missa do coupé”, indica o contraste entre aquele parente que morrera, não distinto e aqueles que comparecem ao enterro de coupé. Portanto, ao longo de *Esau e Jacó*, a cidade de Maricá indica um interior decadente, em relação ao Rio de Janeiro.

É, também, presente na narrativa a citação de um interior genérico, como forma de distanciamento de Flora, que teme ficar longe dos gêmeos inicialmente e, posteriormente, encara esse interior como uma boa chance de afastar-se deles, quando fica melancólica. Cita-se apenas que ela vai para o Norte, quando ainda tem medo de distanciar-se. O interior, por conseguinte, quando não uma das grandes cidades brasileiras – a serem tratadas, separadamente, a seguir – é sinônimo de isolamento ou decadência em relação à metrópole do Rio de Janeiro.

2.1.3 Grandes cidades brasileiras – uma extensão da grandeza do Rio de Janeiro

Seria, portanto, morar no Rio de Janeiro a única opção para a alta sociedade? Com a separação de carreiras os gêmeos, vislumbra-se a possibilidade de seguir morando no Rio de Janeiro, cursando Medicina, ou de morar em outra metrópole, cursando Direito: São Paulo, no

capítulo XVI, “A luta dos retratos”. O trem noturno de São Paulo aparecerá como moderna viagem entre metrópoles, como avaliado em subcapítulo posterior. São Paulo, porém, aparece também como forma de distanciar um dos gêmeos de Flora, temporariamente.

Há, ainda, outra cidade fora do Rio de Janeiro que trabalha como extensão da grandeza dessa metrópole. Petrópolis é retratada como extensão do requinte visto nas casas e palacetes de Botafogo. Conforme chega o final do ano, o verão, há a certeza de que a alta sociedade se encontrará na cidade imperial: Petrópolis. Na véspera da Proclamação da República, no capítulo LIX “Noite de 14”, Aires indica a Natividade que, se não conversarem logo, certamente conversarão em Petrópolis. Com a Proclamação da República há a decadência do imperador, que desce a serra.

É a cidade de Petrópolis que dá esperança para a mãe dos gêmeos de encontrar noivas para eles, pois ambos não poderiam ficar com Flora, no capítulo LXXXIV, “O velho segredo”. Trata-se, portanto, de cidade com requinte. Mesmo Aires procura elogiar a cidade, a sua maneira, elogiando a neutralidade de Petrópolis, no capítulo XVI, “Nem só a verdade se deve às mães”, em que se refere à cidade como neutra, “cidade das nações” ou mesmo “cidade da paz”.

2.1.4 Europa como símbolo de distinção

Também a Europa figura, em escala muito maior, ao longo da narrativa, como símbolo de distinção. Por meio das lembranças de Aires, que trabalhara no exterior, há comparações do melhor que se encontra no Rio de Janeiro com o que vira na Europa, ainda que em proporções menores, como em uma comparação entre Londres e Rio de Janeiro, já no capítulo I, “Coisas Futuras”. O Rio de Janeiro sempre tenta se espelhar na modernidade da Europa, em sua organização e seus meios de transporte rápidos, inclusive com medidas, infelizmente, higienistas.

Outra forma de se verificar uma idolatria ao continente europeu é observar as constantes citações à literatura europeia, por meio das reflexões de Aires. A Literatura Grega é indicada por Aires no sugestivo capítulo XLV: “Musa, canta...”. Mesmo apenas a língua estrangeira é considerada sinal de requinte, no caso o francês no capítulo XLIII, “O discurso”, em que é sugerido que o discurso ficaria ainda melhor caso fosse traduzido para o francês.

2.1.5 O que há além da Europa? O exterior sem detalhes, distante

Há, ainda, algumas aparições da Ásia no texto, pois Aires trabalhara lá. A caracterização da Ásia não é feita de forma cuidadosa como a da Europa. O mundo oriental aparece de forma genérica, distante e exótica, quando não apenas de forma passageira. Não se trata de locais específicos, mas de um mundo longínquo, como se fosse imaginário e criado apenas para indicar a distância.

2.1.6 Viagens e deslocamento – nas terras fluminenses e para fora delas

Por fim, antes da análise em mapas acerca do Memorial de Aires, destaca-se a importância das longas descrições acerca dos carros e meios de transporte disponíveis à época, à viagem em geral, inclusive quando realizada a pé.

Vemos uma ferramenta importante para iniciar e terminar conversas ao longo da narrativa quando se inicia um deslocamento em terras fluminenses. É dentro dos carros particulares que se iniciam reflexões e conversas entre famílias. Dentro dos bondes, há conversas repentinas, como acontece com Aires e a mãe dos gêmeos, preocupada com o destino dos dois. É também a pé, quando rapazes acompanham as moças aos seus destinos, principalmente Flora, que ocorrem as conversas e reflexões.

Quando se consideram as grandes viagens, temos movimentos relacionados aos espaços já citados. O deslocamento do interior para o Rio de Janeiro indica enriquecimento, assim como o deslocamento do Rio de Janeiro para a Europa. A saída do imperador de Petrópolis, peculiarmente, como espelho do caso real, indica decadência, após a Proclamação da República.

A seguir, figura tabela para consulta mais detalhada acerca dos pontos analisados ao cotejar a obra.

Tabela 1 – Colorida, composta para a análise dos padrões encontrados na obra *Esau e Jacó*.

Esau e Jacó			
Capítulo	Área	Subárea	Observação
1 ²⁹ - Coisas Futuras!	Rio de Janeiro	Centro - Morro do Castelo, Rua do Carmo	As duas vão ao morro do castelo, Rio de Janeiro reconhecido como metrópole. Morro do castelo mal calçado. Movimentado. As moças não pertencem ao local. Casa da cabocla, simples.
1 - Coisas Futuras!	Europa (Exterior)	Londres	Comparação entre metrópoles
1 - Coisas Futuras!	Rio de Janeiro	Botafogo	Citação rápida sem motivação especial
2 - Melhor de descer que de subir	Rio de Janeiro	Centro - Rua da Misericórdia, Rua São José.	Cascas de bananas, camisas penduradas às janelas. Desordem.
2 - Melhor de descer que de subir	Rio de Janeiro	Centro - Igreja de São José e Câmara dos deputados	Pegam o coupé, fora do morro, mais rico.
2 - Melhor de descer que de subir	Rio de Janeiro	Botafogo	As senhoras moram em Botafogo.
3 - A esmola da felicidade	Rio de Janeiro	Centro - Rua São José	Mendigo sobe a rua, quitanda, sobrados, igreja
4 - A missa do coupé	Viagem, deslocamento	Praia de Santa Luzia (Av. Antonio Carlos), Largo da Lapa, Catete, Igreja de São Domingos (Saúde)	Viagem de coupé - passagem do espaço para dar realismo, corroborado por notícia sem fonte que "existiu mesmo", viagem dentro da cidade, indicando local de conversa e pensamentos íntimos
4 - A missa do coupé	Interior do Brasil, ou do RJ	Maricá	Homem que morreu que ninguém conhece, aparece pra dizer que o homem vem de lugar nenhum, é pobre, parente de Santos
4 - A missa do coupé	Rio de Janeiro	Saúde	Lugar pobre, cheio de maltrapilhos
4 - A missa do coupé	Viagem, deslocamento	de Maricá para RJ	Deslocamento Interior > RJ = ganhar dinheiro
4 - A missa do coupé	Interior do Brasil, ou do RJ	Maricá	Comparação RJ x interior, interior é ruim, negativo
4 - A missa do coupé	Viagem, deslocamento	do RJ para Maricá - definitivamente	Sentido de Fracasso: a saída definitiva do RJ em direção ao interior
5 - Há contradições explicáveis	Interior do Brasil, ou do RJ	Maricá	Vestem-se bem aqueles que estão ricos na metrópole para que os de Maricá, pobres, saibam. Contraste.
6 - Maternidade	Rio de Janeiro	Centro pobre x centro rico	Centro antigo é pobre - Saúde, igreja de São Domingos cheia de pulgas x Carioca, igreja de São Francisco de Paula, e Glória, limpas

²⁹ Optou-se por alterar os números dos capítulos para números cardinais, para haver clareza e rapidez na identificação, quando a tabela for consultada.

6 - Maternidade	Rio de Janeiro	Lugares ricos, "elegantes"	Casa em Botafogo, Teatro Lírico (atualmente Rua Treze de Maio); Cassino Fluminense (Automóvel Club, atualmente Rua do Passeio)
6 - Maternidade	Grandes cidades brasileiras	Lugares ricos e finos - Petrópolis	Petrópolis é diferente, é fino. Interiores e interiores
6 - Maternidade	Viagem, deslocamento	Viagem interna RJ	Lugar de pensamento e conversas íntimas
6 - Maternidade	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa magnífica, elegante, descrição
7 - Gestação	Rio de Janeiro	Castelo	Citação rápida sem motivação especial
7 - Gestação	Europa (Exterior)	Espanha	Citação rápida sem motivação especial
7 - Gestação	Rio de Janeiro	Castelo	Cabocla do castelo - atividade considerada de gente pobre, mas gente rica também a frequenta.
8 - Nem casal, nem general	Europa (Exterior)	França, Inglaterra, até Rússia	Mãe sugere nomes franceses e ingleses, requinte. Na moda, nomes russos.
8 - Nem casal, nem general	Europa (Exterior)	Portugal	Nomes portugueses indicando tradição
8 - Nem casal, nem general	Rio de Janeiro	Centro e Botafogo	Recontagem da subida do morro do castelo, Rua da Misericórdia, Igreja de São José, Câmara dos Deputados, Rua do Carmo e volta para Botafogo
9 - Vista de palácio	Rio de Janeiro	Catete	Santos admira o palácio Nova Friburgo (hoje Palácio do Catete), que viria a ser vendido para ser hotel e falir o empreendimento no Encilhamento e virar sede da República, mas ele o cobiça sem saber o que aconteceria para ser sua casa, por ser melhor que a casa em Botafogo. Depois se encontra com a mulher.
10 - O juramento	Viagem, deslocamento	Viagem interna RJ	O marido conversa, local de conversas íntimas, Santos reflete, local de pensamentos
10 - O juramento	Rio de Janeiro	Castelo	Citação rápida sem motivação especial, cabocla do Castelo, vestida como fora ao Castelo
11 - Um caso único!	Rio de Janeiro	teatro genérico	Como atividade rotineira de quem é rico, teatro
11 - Um caso único!	Rio de Janeiro	Rua Senador Vergueiro, Flamengo	Casa do Doutor Plácido, que é referenciada para dar realismo, mas se põe em dúvida, se diz que não se sabe se ela está lá ainda, Caminho Velho (R. Senador Vergueiro) e Caminho novo (Rua Marquês de Abrantes, atualmente)
12 - Esse Aires!	Outros	Ásia	Aires vem do Pacífico, aparência elevada, distinto
12 - Esse Aires!	Rio de Janeiro	Castelo	Citação rápida sem motivação especial, cabocla do Castelo
12 - Esse Aires!	Rio de Janeiro	Rua da Quitanda	Rio de Janeiro como palco de memórias vivas, quando Aires volta as pessoas ainda estão nos mesmo lugares. Mas Rio de Janeiro como decadência em relação à Europa, como demonstra com a citação da dançarina Capponi
12 - Esse Aires!	Europa (Exterior)	Veneza	Decadência da dançarina Capponi que anda com o sapato saindo dos pés no RJ

			em comparação ao tempo glorioso na Europa
15 - Teste David cum sibylla	Rio de Janeiro	Castelo	Santos fala com desdém da ida da mulher à cabocla, uma coisa menor
15 - Teste David cum sibylla	Rio de Janeiro	Castelo	Aires fala com desdém da "tal mulher do castelo", citação rápida
15 - Teste David cum sibylla	Rio de Janeiro	Rua Senador Vergueiro, Flamengo	Arredores da casa de Plácido, céu azul, praia sossegada, montes verdes
18 - De como vieram crescendo	Rio de Janeiro	Flamengos, Glórias, Cajus	As redondezas de Botafogo que são distintas à sociedade, em comparação aos gêmeos Pedro e Paulo
18 - De como vieram crescendo	Rio de Janeiro	passeio nas redondezas	Passeio como forma de se mostrar à sociedade
19 - Apenas duas. - Quarenta anos. Terceira causa	Europa (Exterior)	Portugal, Itália	referência ao Decamerão (Itália) culturalmente, como tradição herdada do "reino português".
19 - Apenas duas. - Quarenta anos. Terceira causa	Rio de Janeiro	Clima carioca	O verão se confunde com o outono, diferença de temperatura apenas. Comparação com Natividade entre suas idades, que não muda muito.
19 - Apenas duas. - Quarenta anos. Terceira causa	Outros	Ásia, China	Indicadora não da China em si, mas de um local longínquo, exótico, de onde vem o melhor cozinheiro do mundo
19 - Apenas duas. - Quarenta anos. Terceira causa	Rio de Janeiro	Cemitério de São Francisco Xavier (Cemitério do Caju)	Cemitério onde estava enterrado o avô de Natividade, demonstrando a sua linhagem distinta
19 - Apenas duas. - Quarenta anos. Terceira causa	Europa (Exterior)	Portugal e viagens náuticas	Referência ao Cabo das Tormentas e Cabo da Boa Esperança (África portuguesa) e das viagens náuticas portuguesas à Índia, como analogia aos obstáculos vencidos por Natividade ao longo da vida
20 - A joia	Rio de Janeiro	Botafogo - chácara	Chácara fica bonita aos olhos da família por causa das notícias boas - percepção - Santos virara Barão
23 - Quando tiverem barbas	Rio de Janeiro	casa de Botafogo	Família reunida com amigos da família
23 - Quando tiverem barbas	Rio de Janeiro	Colégio Pedro II (Atualmente na Av. Marechal Floriano)	citação ao colégio dos meninos, no centro histórico
23 - Quando tiverem barbas	Europa (Exterior)	italiano no Brasil	Capuchinho amigo de Pedro
23 - Quando tiverem barbas	Viagem, deslocamento	Italiano viaja ao interior (Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná)	Viagem como transformação da barba, de branca para negra, viagem espiritual do capuchinho
23 - Quando tiverem barbas	Outros	A esquina da Vida, a estrada da morte	Por onde anda o maltrapilho

24 - Robespierre e Luís XVI	Rio de Janeiro	Rua da Carioca	Pedro e Paulo descem a rua e param na loja de espelhos e gravuras. Discussão política com o vendedor.
24 - Robespierre e Luís XVI	Europa (Exterior)	Alemanha	Onde morre D. Miguel de Bragança, Rei de Portugal cuja sucessão foi banida de Portugal
26 - A luta dos retratos	Rio de Janeiro	Castelo	citação rápida à cabocla do castelo
26 - A luta dos retratos	Grandes cidades brasileiras	RJ e SP	Separação ainda distinta dos gêmeos, um estuda Medicina no RJ e o outro Direito em SP.
28 - O resto é certo	Viagem, deslocamento	Passeio à cavalo	Seduzem as moças. Cavalos gêmeos como eles.
30 - A Gente Batista	Interior do Brasil, ou do RJ	Fazenda genérica do interior do Rio	Sem ser Maricá, genericamente outro município. Batista e Santos se conheceram lá, mas agora moravam próximos na capital.
30 - A Gente Batista	Rio de Janeiro	Botafogo	Agora, Santos e Batistas moravam próximos.
30 - A Gente Batista	Interior do Brasil, ou do RJ	Fazenda genérica do interior do Rio	Batista vai à fazenda com fins eleitorais, mas não consegue se eleger.
30 - A Gente Batista	Europa (Exterior)	Espanha	A oposição de Batista indica a Espanha e a língua espanhola como referência.
30 - A Gente Batista	Interior do Brasil, ou do RJ	Interior do Brasil	Denúncia vinda do interior sobre concessão leva à demissão de Batista
30 - A Gente Batista	Rio de Janeiro	A província	A província é melhor que o interior do Brasil, citação ao funcionalismo público ironicamente de forma positiva
30 - A Gente Batista	Rio de Janeiro	São Cristóvão	Governo da Província - D. Cláudia lembra-se dos tempos em que o marido trabalhava no governo com saudades
31 - Flora	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa de Natividade e sua descrição interna, saleta, salão
32 - O aposentado	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Regresso de Aires, amor à terra, negando as calamidades como a febre amarela. Cidade que se mantém, ainda que as pessoas mudem.
32 - O aposentado	Rio de Janeiro	Catete vs. Andaraí	A Casa do Catete se mantém, mas a irmã quer que ele more com ela no Andaraí. Andaraí como um novo bairro, excêntrico. Viverá com as coisas do Catete, não com as pessoas. Relembra a Confeitaria do Império. Marcam que ele a visite às quintas-feiras no Andaraí. Ele passeia todas as outras noites pelo Catete
32 - O aposentado	Europa (Exterior)	Europa no geral	pedaços de ruínas gregas e romanas, cartas de muitas cidades importantes. Lembranças e relíquias da vida metidas num armário
33 - A solidão também cansa	Rio de Janeiro	Bairros novos - Andaraí, Copacabana	Bairros excêntricos, ruas novas. Começa a andar por aí e sair do conforto do Catete. Observa a "gente estranha" sem ter de conversar com ela. Se fossem antigos amigos teria de conversar com eles.
34 - Inexplicável	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa de Natividade, ida à rua São Clemente e encontro com Flora

35 - Em volta da moça	Grandes cidades brasileiras	Rio x São Paulo	A Faculdade de Direito de São Paulo e a de Medicina do Rio. Carreiras grandiosas, necessárias, mas distintas. Uma permite viver perto de Flora, a outra não.
35 - Em volta da moça	Rio de Janeiro	Botafogo x Tijuca	Pedro pouco ia ver Flora, em Botafogo, na casa de praia. Tinha os amigos do Pedro II e as idas à Tijuca.
36 - A discórdia não é tão feia como se pinta	Rio de Janeiro	Enseada de Botafogo	Passeio dos gêmeos na praia. Praia e céu deliciosos, lua cheia, calma, brisa, um títburi passando carregando gente ou não.
36 - A discórdia não é tão feia como se pinta	Rio de Janeiro	Enseada de Botafogo no futuro	Gêmeos conversam sobre o futuro da enseada. Sempre um futuro grandioso, mas imperial para Pedro e republicano para Paulo.
36 - A discórdia não é tão feia como se pinta	Europa (Exterior)	Europa no geral	Europa como visão de tradição e o mundo novo como modernidade. Paulo enxerga o futuro da enseada de Botafogo como mesclando futuro e passado, antigo e moderno, uma Roma nova, a República Francesa e os Estados Unidos da América
36 - A discórdia não é tão feia como se pinta	Rio de Janeiro	Enseada de Botafogo no futuro	Via-se com tradição no gabinete servindo como funcionário público. Os gêmeos continuam passeando e anoite deliciosa.
37 - Desacordo no acordo	Grandes cidades brasileiras	São Paulo	Abolição da escravatura e discurso de Paulo, manda carta para mãe. Distante, mas fazendo discursos importantes.
37 - Desacordo no acordo	Viagem, deslocamento	Viagem sem mais detalhes	A frase do discurso poderia ter vindo de qualquer lugar, numa viagem de terra ou mar.
38 - Chegada a propósito	Viagem, deslocamento	Viagem de bonde, do Centro ao Catete, onde Aires entra.	Natividade andando de bonde, no Catete Aires entra. Conversam. Relembra a cabocla do Castelo.
38 - Chegada a propósito	Viagem, deslocamento	Proposição de viagem com os gêmeos	Natividade propõe a viagem com os gêmeos antes de casar, para que vejam o exterior.
38 - Chegada a propósito	Rio de Janeiro	Glória, Centro e Botafogo	O mundo de Aires se reduz do Cais da Glória e da Rua do Ouvidor ao Cemitério de São João Batista, a Ponta do Caju já seria longe demais.
39 - Um gatuno	Rio de Janeiro	Largo da Carioca	Rua Gonçalves Dias, Rua da Carioca, Natividade e Aires seguem caminhos diferentes. Na Carioca há uma multidão, pois um ladrão foi detido. Eles tentam defender o preso, contra a polícia, sem sucesso. Vão à estação policial. Aires vai à Secretaria do Império (àquela época na Rua da Guarda Velha, hoje Rua Treze de Maio). Sai e volta pela Rua Sete de Setembro.
40 - Recuerdos	Europa (Exterior)	Exterior, mas Argentina	Caracas, como a Europa da América Latina. Recordações de um passado com a espanhola Cármen (de Sevilha). Música tradicional em espanhol sobre as sevilhanas, real, dando verossimilhança à história.

41 - Caso do burro	Rio de Janeiro	Travessa de São Francisco	Carroça parada, serve para criar reflexões de Aires.
41 - Caso do burro	Europa (Exterior)	Exterior, mas Argentina	Caracas e Cármen, seus beijos e experiência política
42 - Uma hipótese	Rio de Janeiro	Centro	A rua de pedras
42 - Uma hipótese	Europa (Exterior)	Exterior, mas Argentina	Caracas e Cármen, outra possibilidade de vida.
43 - O discurso	Grandes cidades brasileiras	São Paulo	O discurso de São Paulo a ser distribuído para Corte e as províncias
43 - O discurso	Rio de Janeiro	Corte e províncias	Local para difusão do discurso em jornais
43 - O discurso	Europa (Exterior)	França, francês	O discurso deverá ser traduzido para o francês, "pode ser que fique ainda melhor". Elevação pela língua.
43 - O discurso	Rio de Janeiro	Laranjeiras	Palácio Isabel (atual Palácio Guanabara), como representante metonímico do poder político.
44 - O salmão	Europa (Exterior)	Alemanha	Vinho dado pelo ministro da Alemanha, chique, especial para os gêmeos
44 - O salmão	Rio de Janeiro	Catete	Almoço dos gêmeos com Aires, eles esperavam anedotas políticas de outro tempo, descrição de festas, notícias de sociedade
44 - O salmão	Europa (Exterior)	Exterior, mas Paraguai	Tia Perpétua e histórias do Paraguai.
44 - O salmão	Grandes cidades brasileiras	São Paulo x RJ	Ideias paulistas x ideias coloniais (RJ)
45 - Musa, canta...	Europa (Exterior)	Grego	Literatura grega, Ilíada x Odisseia.
46 - Entre um ato e outro	Rio de Janeiro	Castelo	A ida à cabocla do Castelo é referenciada no Memorial de Aires.
47 - São Mateus, IV, 1-10	Europa (Exterior)	Itália, Rubicon	Travessia do Rubicon, referente a travessia do rio com exército de César que precipitou a guerra civil romana, começando a era imperial de Roma, com César como ditador.
47 - São Mateus, IV, 1-10	Rio de Janeiro	Botafogo	Flora deseja se manter no Rio de Janeiro, provavelmente por causa dos gêmeos, em Botafogo.
48 - Terpsícore	Rio de Janeiro	Ilha Fiscal	Natividade cuida do baile da Ilha Fiscal, para honrar oficiais chilenos, imagina um baile como consagração própria no futuro, no início do século seguinte, como mudança. D. Cláudia também pensa no baile, para ela uma oportunidade política para o marido. Previsão de que Flora iria ao baile e se irritaria, em vez de dançar.
48 - Terpsícore	Europa (Exterior)	Europa no geral	Pedro tinha o busto de Hipócrates (grego) e retratos de outras sumidades médicas europeias para se espelhar, no seu quarto. As boas referências são europeias. O próprio nome do capítulo é de musa da dança da mitologia grega.
48 - Terpsícore	Grandes cidades brasileiras	São Paulo	São Paulo como distância de Paulo, ausência.

48 - Terpsícore	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Feiticeiras cariocas, que se pareciam com escocesas
48 - Terpsícore	Europa (Exterior)	Escócia	Citação à peça de Macbeth e feiticeiras escocesas, como mau agouro a Batista, ainda que ele conseguisse o cargo que desejava.
48 - Terpsícore	Rio de Janeiro	Ilha Fiscal	Flora acaba não se aborrecendo na ilha. Fica encantada com a vizinhança do mar, os lampiões de gás etc.
48 - Terpsícore	Europa (Exterior)	Grego	Literatura grega, Plutarco como referência.
49 - Tabuleta Velha	Rio de Janeiro	Ilha Fiscal	O baile fica na lembrança de todos.
49 - Tabuleta Velha	Rio de Janeiro	Centro	Aires vai ao Centro. Rua do Ouvidor. Troca da tabuleta da confeitaria do Império. Pintor da Rua da Assembleia. Tabuleta com madeira e tinta novas.
50 - O tinteiro de Evaristo	Rio de Janeiro	Botafogo	Jantar entre as duas irmãs, Santos e Aires, sem Pedro. Pedro fora jantar na família Batista. Discutem a enseada de Botafogo. Medo de mudança, do futuro, em relação a obra. "A nossa felicidade é que morreremos antes"
50 - O tinteiro de Evaristo	Rio de Janeiro	Botafogo	Conquistas de Santos são o que ele é, a posição que tinha na sociedade, a casa, a chacara, o banco, os coletes.
52 - Um segredo	Viagem, deslocamento	Botafogo, São Clemente	Ida entre a casa dos Batista, à casa dos Santos. Espaço de conversa entre Pedro e Flora.
52 - Um segredo	Interior do Brasil, ou do RJ	Praia Grande (Niterói)	Flora não deseja ir morar longe do RJ (ainda que não tão longe assim).
52 - Um segredo	Rio de Janeiro	Província do Rio	Citação curta.
52 - Um segredo	Interior do Brasil, ou do RJ	Mato Grosso, Amazonas, Pará, Piauí	O infinito, o pai de Flora, Batista, não voltaria tão cedo. Ela teme. Já Pedro deseja que eles vão para o interior para se desterrarem do irmão, da mãe, ficar sozinho com Flora.
52 - Um segredo	Viagem, deslocamento	Botafogo, São Clemente	Volta à casa dos Batista. Espaço de conversa entre Aires e Flora. Obrigação já que Flora pedira que a acompanhasse.
53 - De confidências	Interior do Brasil, ou do RJ	Fora do RJ, genericamente	Flora confessa a Aires que não deseja ir embora e pede ajuda, para que convença Batista a não aceitar a presidência da província
53 - De confidências	Viagem, deslocamento	Botafogo, São Clemente	Forma de fazer cessar a conversação, já que essa deveria durar até chegarem na casa, seria dizer que ia pensar para fazer amanhã ou depois o que Flora havia pedido.
53 - De confidências	Rio de Janeiro	Botafogo, São Clemente	Descrição interna da casa dos Batista
53 - De confidências	Europa (Exterior)	Holanda, Portugal	Carta importante, do ministro de Portugal na Holanda.
53 - De confidências	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, no geral	Um dos feitos de Batista seria reduzir a dívida provincial, além de obras novas, consertos importantes, iniciar uma ponte.

53 - De confidências	Europa (Exterior)	Exterior x Rio de Janeiro	Aires não conhecera quem fizera anotações no código criminal brasileiro, porque vivera no exterior, mas como dizem que é um grande jurista, ele finge acreditar.
53 - De confidências	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro do passado	Aires acessa o Rio de Janeiro do passado por meio das anotações do Código Criminal, réus, juízes, passeio, a rua, a festa, velhos patuscos e mortos, rapazes frescos e agora enferrujados como ele.
54 - Enfim, só!	Rio de Janeiro	A rua	Rua como liberdade de Aires
56 - O golpe	Interior do Brasil, ou do RJ	Norte x RJ	Flora descobre que a presidência de província é no Norte e trama não ir, ficar no RJ.
57 - Das encomendas	Viagem, deslocamento	Centro do RJ	Passeio como ambiente de conversa entre Flora, a mãe e Paulo. Conversam casualidades tanto de SP como do RJ, sem muito interesse.
57 - Das encomendas	Rio de Janeiro	Rua do Ouvidor	Loja de chapéus. A rua do ouvidor tem uma miríade de lojas. Variedade. Chapéus chiques.
57 - Das encomendas	Viagem, deslocamento	Trem noturno de SP	Paulo vem de trem noturno de São Paulo.
57 - Das encomendas	Rio de Janeiro	Centro do RJ	Pessoas da rua ajudam nas digressões entre Paulo e Flora. Na Rua Gonçalves Dias, sentido Largo da Carioca, Paulo vê políticos de São Paulo, deslocados, republicanos.
57 - Das encomendas	Viagem, deslocamento	RJ x Norte	Flora vê as encomendas como início da viagem para o Norte e se sente mal. Afirma que a viagem a mataria.
57 - Das encomendas	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Enquanto Flora pensa no futuro sem o Rio de Janeiro, Paulo relembra seu passado, com o Rio de Janeiro, pois agora mora em São Paulo.
58 - Matar saudades	Rio de Janeiro	Botafogo, São Clemente	Paulo diz, na São Clemente, que Flora está mais bonita desde a última vez que a viu, antes de ir para São Paulo. Aceita ir jantar na casa de Flora.
59 - Noite de 14	Rio de Janeiro	Botafogo	Jantar na casa da família Santos, antecipando a nomeação do dia seguinte. Destaca-se que é no dia 14 de novembro, logo antes da Proclamação da República, mas não tinham como sabê-lo as personagens, ainda que propositalmente o autor, que escreveu o livro posteriormente, o tenha feito.
59 - Noite de 14	Interior do Brasil, ou do RJ	Interior do Brasil	Genérico, apenas se refere como longe dos dois gêmeos, longe das grandes cidades. Flora sairia de cena.
59 - Noite de 14	Rio de Janeiro	Ilha Fiscal	Ainda se lembram do baile da Ilha Fiscal, as moças.
59 - Noite de 14	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	As moças falam de eventos da alta sociedade, músicas e teatros, festas em Petrópolis, gente que iria passar o verão lá. Aires diz a Natividade que se encontrarão em Petrópolis no verão para conversar, caso não se encontrem logo.

60 - Manhã de 15	Rio de Janeiro	Passeio Público	Passeio Público, da Lapa, como local de natureza. Sem o atual Aterro, local de ver o mar e geralmente tranquilo. Hoje, com a notícia da Proclamação, da qual Aires ainda não sabia, estava mais agitado.
60 - Manhã de 15	Rio de Janeiro	Largo da Carioca	Aires sai do Passeio e segue ao Largo da Carioca. Pessoas espantadas. Segue para a Rua do Ouvidor. Rua do Ouvidor como local de ter informações, soube que os militares tinham feito uma revolução. Voltou ao largo para pegar um túburi para o Catete.
60 - Manhã de 15	Viagem, deslocamento	Largo da Carioca - Catete	De túburi, viagem como meio de conversa e saber informações. O cocheiro conta da Proclamação. Diz que ouvira tudo de um homem que fora da Rua dos Inválidos para o Largo da Glória de forma apressada e que pagara o dobro. Aires paga pela tabela.
60 - Manhã de 15	Viagem, deslocamento	Petrópolis - Rio de Janeiro	A saída de Petrópolis forçada do imperador, que vem descendo a serra, indica decadência.
60 - Manhã de 15	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Percepção da cidade como perigosa, decadente, por meio da visão do cocheiro.
61 - Lendo Xenofonte	Rio de Janeiro	Rua do Catete	O ministro ferido passa de padiola.
61 - Lendo Xenofonte	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	O imperador era esperado de Petrópolis, visão de Aires que o tranquiliza.
61 - Lendo Xenofonte	Europa (Exterior)	Grego	Literatura Grega, Xenofonte, como obra de reflexão de Aires
62 - Pare no d.	Rio de Janeiro	Catete e Centro do RJ.	Casa de Aires. Custódio da Confeitaria morava perto e vem se aconselhar. Conta que fora à Rua da Assembleia no dia anterior ver a tabuleta que dizia "Confeitaria d". Quando soube da Proclamação da República tentou trocar o escrito da tabuleta, para ficar atualizada, mas seu bilhete não chega a tempo. O que era tradição agora é a "destruição". O pintor ameaça de colocar o nome e o endereço de Custódio para que os revolucionários quebrassem as vidraças da confeitaria.
63 - Tabuleta Nova	Rio de Janeiro	Catete	Medo de Custódio que quebrem a sua confeitaria, seja com a tabuleta da Confeitaria do Império ou do Governo, ou perder a freguesia com a tabuleta do Catete. Aires imagina que ele vai ficar mais tranquilo com a conversa, mas seu movimento de atravessar a rua e entrar na confeitaria apressadamente demonstra que está nervoso com a Proclamação.
64 - Paz!	Rio de Janeiro	Centro do RJ	Rua do Ouvidor como forma de atestar a Proclamação da República, é verdade porque Santos viu as tropas com os próprios olhos na Rua do Ouvidor. Como consequência, todas as lojas, mesmo as distintas, mesmo os bancos, estão

			fechados.
64 - Paz!	Viagem, deslocamento	Botafogo - Catete	Entre a casa de Santos e de Aires há o tempo de deslocamento. A mulher de Santos quando saiu não sabia o que havia, mas agora que ele já se deslocou para a casa de Aires, ele acredita que nesse tempo ela ficou sabendo.
64 - Paz!	Rio de Janeiro	Centro do RJ	Teatro de São Pedro de Alcântara, atual Teatro João Caetano, na atual Praça Tiradentes (antiga Praça da Constituição), ao lado do Largo de São Francisco de Paula e sua igreja. Burburinho na igreja, com a presença do imperador no teatro, no passado, demonstrando respeito.
64 - Paz!	Rio de Janeiro	Catete, Botafogo	Santos convida Aires a jantar convosco em Botafogo. Aires diz que tem que jantar com um amigo no Catete, no antigo Hotel dos Estrangeiros.
64 - Paz!	Viagem, deslocamento	Catete - Botafogo	Viagem de carro para Botafogo, de Santos. Viagem como ambiente de reflexão. Tinha medo da rua, violenta, mas também não queria chegar em casa, pois não sabia como aconselhar sua família acerca da Proclamação. Citação ao Largo do Machado, como caminho.
65 - Entre os filhos	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa de Santos, descrição rápida
65 - Entre os filhos	Rio de Janeiro	Centro, Botafogo	Descrição da rua otimista, sossegada, caras mudas, um tanto mentirosa, de Santos
67 - A noite inteira	Rio de Janeiro	Centro, Praia do Flamengo, Botafogo	Casa de Deodoro da Fonseca, próxima ao Campo de Santana, Paulo vai aos jornais, ao quartel do campo e diante da casa de Deodoro. Paulo sugere que vejam o raiar do dia na Praia do Flamengo, mas os outros não aceitam. Volta a casa em Botafogo.
67 - A noite inteira	Rio de Janeiro	casa de Botafogo	Quarto dos meninos
67 - A noite inteira	Rio de Janeiro	Quartel	Pensamento acerca da entrada de Marechal Deodoro no quartel, esplêndida
67 - A noite inteira	Rio de Janeiro	Enseada de Botafogo	Bela, nos sonhos de ambos os gêmeos
70 - De uma conclusão errada	Rio de Janeiro	Novo Baile	Comparação desse baile, mais modesto, com o da Ilha Fiscal
70 - De uma conclusão errada	Interior do Brasil, ou do RJ	outro Estado	Flora vive longe dos gêmeos em 1891, mas não se esquece deles, manda cartas, não namora outros
72 - O regresso	Viagem, deslocamento	Volta do interior para Rio de Janeiro	Felicidade de Flora, infelicidade da família. Tempo de conversa entre Flora e os amiliares. Ao chegar, ambos os gêmeos a esperam.
72 - O regresso	Grandes cidades brasileiras	Comparação RJ x RS	Uma só assembleia legislativa, como no Rio Grande do Sul.
73 - Um Eldorado	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	O Rio do Encilhamento, como um lugar extremamente luxuoso, já nas carruagens dos Santos, depois nas ruas, nas empresas, nas praças

73 - Um Eldorado	Europa (Exterior)	Relações Brasil x Europa	Machado tenta relacionar Cacambo, de Basílio da Gama, ao Cacambo, ou Cândido, de Voltaire.
73 - Um Eldorado	Outros	Eldorado imaginário	Descrição do Eldorado imaginário de Voltaire, em Candide. Calçamentos das ruas com rubis, ouro e esmeraldas. Sem valor para a hospedaria, de tão abundantes.
73 - Um Eldorado	Rio de Janeiro	Largo de São Francisco de Paula, Rua do Ouvidor	Muitas carruagens paradas, luxo.
73 - Um Eldorado	Europa (Exterior)	Comparação RJ x Europa	Comparação luxo, RJ, carruagens, com Homero, corcéis de paz.
74 - A alusão do texto	Rio de Janeiro	Rua São José	Reaparecimento de Nóbrega, citação à rua São José e a esmola que recebera quando ainda mendigo
74 - A alusão do texto	Europa (Exterior)	Fora do RJ, Fora do Brasil	Nóbrega sai do RJ, fora da cidade, quiçá fora do país e volta rico, no encilhamento.
74 - A alusão do texto	Rio de Janeiro	Centro do RJ	Nóbrega tem medo que o reconheçam, os conhecidos mudaram, mas as ruas e as pessoas, as casas e as lojas eram as mesmas. Personificação das casas. Memórias. Rua de São José, Rua da Misericórdia, Praia de Santa Luzia, Rua de D. Manuel. Matriz de São José.
75 - Provérbio errado	Rio de Janeiro	Castelo	Cabocla do castelo, menção rápida.
76 - Talvez fosse a mesma!	Rio de Janeiro	Centro do RJ	Passeio do Nóbrega, ainda. Corredor da Esmola. Esquina, Praça, Catedral, Igreja do Carmo, Carceler (ambos na atual Primeiro de Março, próximo ao Morro do Castelo)
77 - Hospedagem	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa de Santos, descrição rápida. Hospedam os Batista. Casa de São Clemente dos Batista está ocupada;
77 - Hospedagem	Europa (Exterior)	Paraná, América e Europa	Fora do RJ, lã de carneiro criado no Paraná é chique, empreendimento de Santos, segundo ele poderá vestir a América e a Europa.
79 - Fusão, difusão, confusão...	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa de Santos, menção rápida.
80 - Transfusão, enfim	Rio de Janeiro	Botafogo	Casa de Santos, descrição interna conforme sonho de Flora
81 - Ai, duas almas...	Rio de Janeiro	outro bairro, que não Botafogo	Lembrança do velho Plácido, a discordância de outras pessoas, que formaram outra igreja em outro bairro, alteridade
82 - Em São Clemente	Rio de Janeiro	Botafogo	Família Batista retorna a São Clemente, Paulo visita no mesmo dia Flora. Descrição interna breve.
83 - A grande noite	Rio de Janeiro	Botafogo	Descrição interna do quarto de Flora, em São Clemente, com delírios da menina.
84 - O velho segredo	Rio de Janeiro	Botafogo	Natividade dorme tranquila em Botafogo, mas pensando em Flora, em São Clemente.

84 - O velho segredo	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Cidade luxuosa, damas elegantes, diversões, alegrias, até noivas.
84 - O velho segredo	Rio de Janeiro	Castelo	O segredo da cabocla do Castelo. Santos mente e diz que a cabocla que veio a Botafogo, não que Natividade fora ao Castelo
85 - Três constituições	Rio de Janeiro	Rua	Rua como encontro de manifestações políticas diversas
87 - Entre Aires e Flora	Rio de Janeiro	Centro	Rua do Ouvidor, Largo de São Francisco de Paula. Rua movimentada, meio termo, local de encontros e conversas
88 - Não, não, não	Rio de Janeiro	Botafogo	Citação ao sonho do quarto de Flora, capítulo 83
88 - Não, não, não	Rio de Janeiro	Teatro genérico. Restaurante. Centro do RJ.	Teatro como encontro dos gêmeos e do Conselheiro Aires. Restaurante. Aires conta do passado, mas os gêmeos, jovens, pouco se importam. Rua Uruguiana.
90 - O ajuste	Rio de Janeiro	Centro do RJ	Largo da Carioca. Rua como ambiente para conversas
90 - O ajuste	Viagem, deslocamento	Centro do RJ - Botafogo	Viagem de vitória, entre o Largo da Carioca e Botafogo. Deslocamento como ambiente para conversas
90 - O ajuste	Rio de Janeiro	Botafogo	Descrição do jardim e do quarto dos gêmeos da casa de Botafogo.
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Rio de Janeiro	Glória e Botafogo	Natividade vai à missa na Matriz da Glória sozinha. Descrição interna da casa.
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Subida a Petrópolis. Festas, cidade da paz, a cidade neutra, a cidade das nações
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Rio de Janeiro	Santa Casa, Biblioteca Nacional	Os gêmeos desejam permanecer no RJ, em vez de subir a Petrópolis. A mãe toma por verdade que iriam resolver negócios e estudar muito, por isso não poderiam subir. Ela os defende. As pessoas de Petrópolis insistem em saber a verdade.
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Natividade defende a subida a Petrópolis.. Visitas, música, coisas belas, temperatura. Conversa sobre a diferença dos filhos
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Rio de Janeiro	Castelo	citação rápida à cabocla do castelo
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Viagem, deslocamento	RJ - Petrópolis	Gêmeos acordam de subir a Petrópolis aos sábados e descer às segundas, feriados e festas. O pai subia e descia todos os dias.
91 - Nem só a verdade se deve às mães	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Os gêmeos "fazem rumor" em Petrópolis. Todos falam sobre eles no pouco tempo em que passam lá, chamam atenção.
92 - Segredo acordado	Viagem, deslocamento	Passeio a cavalo, em Petrópolis	Andam a cavalo no Quitandinha com Aires, Aires e algumas senhoras. Conversam sobre Flora e os gêmeos. Aires tenta mudar de assunto.

93 - Não ata nem desata	Rio de Janeiro	São Clemente	Perguntavam de Flora em Petrópolis, mas a situação dela se mantinha. Rivalidade entre os gêmeos. Aires a visitava na São Clemente. Ela fica triste e pensa em ir ao teatro para não encontrar os gêmeos, mas acaba desistindo. Os pais acabam por oferecer o camarote justo aos gêmeos.
94 - Gestos opostos	Rio de Janeiro	Casa da São Clemente	Quarto de Flora, descrição básica, móveis e espelho. Tristeza de Flora.
95 - O terceiro	Rio de Janeiro	Casa da São Clemente	Quarto de Flora, descrição básica. Janela que dá para a rua.
95 - O terceiro	Europa (Exterior)	Boston ou New York (EUA na verdade)	Cidades vistas como inovadoras.
95 - O terceiro	Rio de Janeiro	São Clemente	Gouveia, o terceiro namorado, que viu Flora na missa e a acompanhava na São Clemente. Com o recebimento de uma herança encontra motivo para falar com o pai de Flora. Fica na chuva olhando-a pela janela.
97 - Um Cristo particular	Interior do Brasil, ou do RJ	Governo fora do RJ	Flora que antes não queria sair do RJ, pede um governo para o pai fora daqui, rezando. Continua triste.
98 - O médico Aires	Rio de Janeiro	São Clemente	Aires visita Flora com notícias de Natividade
98 - O médico Aires	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Aires conta novidades de Petrópolis a Flora, que todos falam dela
98 - O médico Aires	Viagem, deslocamento	Morte	Flora conta a Aires que espera fazer "a viagem muito mais longa", da morte. Falam em bilhete, em embarque.
98 - O médico Aires	Rio de Janeiro	Casa amiga	Aires alude a casa amiga, em outro bairro. Flora não entende que casa amiga seria essa.
98 - O médico Aires	Europa (Exterior)	Exterior, mas Argentina	Caracas e a aventura de Aires
99 - A título de ares novos	Rio de Janeiro	Andaraí	Desde que morava em Petrópolis, Aires não iria jantar em Andaraí com a irmã. Vai jantar com ela e transferir Flora para morar com ela. Quando perguntada se sente falta de São Clemente, Flora não responde. Andaraí como forma de afastar a moça de Botafogo
99 - A título de ares novos	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Cartas entre RJ e Petrópolis, de D. Rita e Flora para Aires.
99 - A título de ares novos	Rio de Janeiro	Santa Casa, Biblioteca Nacional	Citação como trabalho dos meninos, de forma irônica.
100 - Duas cabeças	Rio de Janeiro	Estrada da Tijuca	Flora desenha as paisagens, estrada da tijuca, chafariz antigo.
101 - O caso embrulhado	Rio de Janeiro	São Clemente	Os gêmeos visitam a São Clemente, esperando que Flora volte, para ter notícias dela. Mas não há certeza do regresso.
102 - Visão pede meia sombra	Rio de Janeiro	Andaraí	Casa do Andaraí. Nas ilusões de Flora, descreve-se a casa. Quarto, piano, jardim. As ilusões dos gêmeos acompanhando Flora.
103 - O quarto	Europa (Exterior)	Literatura Grega	Ulisses

103 - O quarto	Rio de Janeiro	Andaraí	Casa do Andaraí. As pessoas admiram Flora, passando pela casa. Nóbrega tenta adentrar a casa para se fazer notado, mas não dá muito certo.
103 - O quarto	Viagem, deslocamento	A carruagem em si	A carruagem demonstra as posses de Nóbrega, assim como seu palacete.
103 - O quarto	Europa (Exterior)	Europa, Sèvres (França), Esmirna (Turquia)	Europa como requinte. Os móveis do palacete são da Europa, os aparelhos de prata da França, os tapetes da Turquia.
103 - O quarto	Rio de Janeiro	Loteria de Espanha	O palacete e a carruagem, que indicam posses, são como um bilhete da "grande loteria de Espanha". Flora ri da sorte, mas não deseja se casar. Ri como ainda não rira em Andaraí.
105 - A realidade	Rio de Janeiro	Andaraí	Todos vêm de Petrópolis, de Botafogo e começam a rodear Flora em sua doença. Os pais vêm de Botafogo, Natividade de Petrópolis, os gêmeos de Botafogo etc. Reunião. Natividade começa um deslocamento diário Botafogo - Andaraí.
105 - A realidade	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Natividade, para animar Flora, faz com que ela prometa que vai convalescer em Petrópolis.
105 - A realidade	Viagem, deslocamento	Petrópolis-RJ	Aires começa um deslocamento dia sim dia não Petrópolis-RJ.
105 - A realidade	Rio de Janeiro	Andaraí	Casa do Andaraí. Janela escancarada
106 - Ambos quais?	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Petrópolis como esperança. Flora vai morrer Natividade, às lágrimas, diz que Flora ainda tem muito o que desenhar de lá;
106 - Ambos quais?	Rio de Janeiro	Andaraí	Todos se reúnem com a morte iminente de Flora. Gêmeos ficam entre a casa dela e dormindo mal na própria casa.
106 - Ambos quais?	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro no geral, Centro	Manifestações políticas, em homenagem a Marechal Deodoro, contra Marechal Floriano. Essas realmente aconteceram, em abril de 1892.
107 - Estado de Sítio	Viagem, deslocamento	Enterro	O enterro percorre as ruas em estado de sítio (72 horas, em 12 de abril de 1892).
108 - Velhas Cerimônias	Viagem, deslocamento	Enterro	Muitas pessoas no trajeto do enterro. Todos presentes, inclusive Nóbrega.
108 - Velhas Cerimônias	Rio de Janeiro	Chafariz	Lembrança do chafariz por parte do secretário de Nóbrega. Nóbrega diz que não se recorda.
108 - Velhas Cerimônias	Europa (Exterior)	Literatura Inglesa	Citação a Hamlet e seus coveiros, que cantam
108 - Velhas Cerimônias	Rio de Janeiro	Cova	Os pais e amigos ficam em volta da cova, depois partem com seus carros. Pedro e Paulo permanecem ao pé da cova.
109 - Ao pé da cova	Rio de Janeiro	Cemitério	Os gêmeos permanecem muito tempo no cemitério e fazem uma promessa de se unirem novamente. Conversam indo para o portão do cemitério. Vão embora de carro.

110 - Que voa	Viagem, deslocamento	Cemitério - Casa de Botafogo	O carro voou do cemitério para a casa dos gêmeos
110 - Que voa	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Com a morte de Flora, Natividade conseguiu levar os gêmeos para Petrópolis. Lá a família ficou em harmonia e Aires também.
110 - Que voa	Rio de Janeiro	Santa Casa, Biblioteca Nacional, Cemitério	Os motivos alegados de trabalho não existem mais, uma vez que Flora morreu.
110 - Que voa	Viagem, deslocamento	Trem de Mauá	O trem de Mauá voa. Mauá, cidade do repouso, do luxo, da galanteria
110 - Que voa	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Boatos sobre o Rio de Janeiro e mudanças de governo com que a família Santos desça para o Rio de Janeiro novamente. Santos queria seus velhos hábitos e as outras pessoas também estavam voltando ao RJ.
110 - Que voa	Viagem, deslocamento	Passeios de carro, a cavalo	Vistos como recreação
110 - Que voa	Grandes cidades brasileiras	Petrópolis	Deixam Petrópolis ao final do verão.
111 - Um resumo de esperanças	Rio de Janeiro	Casa dos gêmeos	Como união afinal, embora tenham carreiras que os separem.
112 - O primeiro mês	Rio de Janeiro	Cemitério	Os gêmeos visitam o cemitério, cada um separado do outro e ficam se espreitando, no dia de 1 mês de morte de Flora.
113 - Uma Beatriz para dois	Viagem, deslocamento	Céu - Terra	Afirma que se a Flora descesse para falar com ambos, seria razão de reconciliação
114 - Consultório e Banca	Interior do Brasil, ou do RJ	Sul	Combates do Sul, como fonte de briga política entre os irmãos, que deixam a trégua de lado.
116 - De regresso	Europa (Exterior)	Europa	Regresso de Aires, após 1 ano. Afirma que as cidades e as moças e instituições cedem à mudança com o tempo. Europa como ausência de Aires, simplesmente.
116 - De regresso	Interior do Brasil, ou do RJ	Interior do Brasil	Interior no geral. Aires rejeita "as águas" do Brasil, para ir atrás das águas de Vichy (França), de Carlsbad (República Tcheca).
116 - De regresso	Rio de Janeiro	Cais Pharoux	Aires regressa pelo cais Pharoux
117 - Posse das cadeiras	Rio de Janeiro	Câmara dos deputados	Posse de Pedro e Paulo. Natividade, Perpétua e Aires comparecem.
117 - Posse das cadeiras	Europa (Exterior)	Europa	Aires indica que está ótimo após a viagem e relembra a ideia de Natividade ir com os filhos gêmeos passar uma temporada lá.
117 - Posse das cadeiras	Rio de Janeiro	Cemitério e igreja	Natividade relembra que Pedro e Paulo compareceram à missa de 1 ano de morte de Flora e ao cemitério. Ainda lembram dela 1 ano depois.
118 - Coisas passadas, coisas futuras	Rio de Janeiro	Centro - Igreja de São José, Morro do Castelo	Natividade vai em direção à carruagem para ir embora e vê a igreja de São José e um pedaço do morro do Castelo e tem recordações da cabocla.

118 - Coisas passadas, coisas futuras	Viagem, deslocamento	Centro - Botafogo	Da Câmara dos Deputados à casa, viagem de carruagem como espaço de reflexão. Dobram a Praia de Santa Luzia, a Santa Casa.
119 - Que anuncia os seguintes	Viagem, deslocamento	Trem, Barco	Analogia com a viagem, o trajeto do trem e do barco, em relação à história
121 - Último	Europa (Exterior)	Literatura Grega	Castor e Pólux, como os nomes de Pedro e Paulo na Câmara dos Deputados, porque tornaram-se inseparáveis.
121 - Último	Rio de Janeiro	Câmara dos deputados	Pedro e Paulo eram inseparáveis.
121 - Último	Interior do Brasil, ou do RJ	Minas	Paulo vai a Minas e, quando volta, ele e o irmão estão brigados novamente.
121 - Último	Rio de Janeiro	Catete	Casa de pensão de amigo de Aires, que conta sobre os irmãos.

Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

2.2 Análise de padrões de Memorial de Aires

Ao buscar analisar os padrões presentes na formação espacial de *Memorial de Aires*, tão intrinsecamente ligadas à já analisada obra em que figura a personagem principal, começamos a montar nossos mapas, que figuram a seguir.

2.2.1 A relação afetiva com o Rio de Janeiro, locais e deslocamentos

Conforme mapa criado, vê-se um deslocamento entre residências prioritariamente feito nos bairros do Catete, Botafogo e Glória, com a adição do Flamengo, neste romance. Certamente, o “meu Catete” – aludido por Aires, logo na primeira passagem de seu memorial, quando compara a Europa a sua terra – representa relação afetiva intensa no deslocamento de retorno ao Brasil e ao Rio de Janeiro. A negação de ir morar no Andaraí, com mana Rita, logo ao início do romance, é indicadora do arraigo a essa parte específica da cidade.

Figura 5 – Mapa que demonstra os caminhos costumeiros do Rio de Janeiro para Aires.



Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

A Casa dos Aguiar, no Flamengo – que não aparece tanto em *Esau e Jacó*, conforme tabela analisada anteriormente – é novo ambiente familiar para reuniões entre amigos e para o interesse inicial de Aires em Fidélia.

Defende-se, então, que há importância ímpar neste “canto” da cidade, é nesse padrão observado que se pode percorrer a pé ou de carro (puxado a cavalos, à época), em que Aires se considera seguro. É esse o espaço que ele conhece como a palma da mão e que lhe evoca lembranças constantes e também o medo de mudança com o século vindouro.

Lembra-se que, ao escrever *Memorial de Aires*, Machado de Assis já estava encarregado, como burocrata, no planejamento estratégico de tais mudanças. Portanto, propõe-se que somente em uma cidade recorrentemente modificada pelo homem com a virada do século e os olhos postos na modernização da Europa que poderia ocorrer tal narrativa. Não se trata apenas de uma metrópole qualquer.

O Centro, por sua vez, com suas ruas fervilhantes, continua representando o contato com as multidões e o povo em geral. É o local em que todos se encontram, tendo especial

lembrança a Rua do Ouvidor. Com a abolição da escravatura, por exemplo, Aires encontra-se com um amigo da imprensa em meio à multidão, na passagem de 13 de maio do romance: “Estava na Rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral. Um conhecido meu, homem de imprensa, achando-me ali, ofereceu-me lugar no seu carro, que estava na Rua Nova³⁰, e ia enfileirar no cortejo organizado para [...] fazer ovação à Regente” (2012, p. 24). Tal passagem alude à real data da abolição da escravatura, mais uma vez demonstrando a necessidade de se demonstrar alinhado à narrativa política vigente e fortalecendo a teoria de que o espaço fluminense é estruturalmente importante na análise da obra. O Conselheiro não participa do cortejo, aludindo a sua neutralidade já conhecida: “Estive quase, quase a aceitar, tal era o meu atordoamento, mas os meus hábitos quietos, os costumes diplomáticos, a própria índole e a idade me retiveram melhor que as rédeas do cocheiro aos cavalos do carro, e recusei.” (2012, p.24).

Verificamos, além da neutralidade já tratada em *Esau e Jacó*, um comportamento recorrente em Aires, na nova obra: o recolhimento. São diversas as situações em que, por causa de mau humor, doença, entre outros, a personagem cogita não se deslocar. Na passagem que ocorre no dia 20 de janeiro, nomeada “Nove horas da noite” (2012, p. 7), Rita e Aires discutem se ele, doente, deve ir às bodas de prata do casal Aguiar. A ambientação ligada à doença – com citação, inclusive, ao médico, Dr. Silva que “aconselhou que não vá” (2012, p. 6) – ou outros motivos é constante na obra, ligando tal recolhimento à velhice. Outro exemplo que também indica o recolhimento é quando o Conselheiro demonstra mau-humor quando combina de subir a Petrópolis, na passagem intitulada “Sábado” (2012, p. 11):

Ontem encontrei um velho conhecido do corpo diplomático e prometi ir jantar com ele amanhã em Petrópolis. Subo hoje e volto segunda-feira. O pior é que acordei de mau humor, e antes quisera ficar que subir. E daí pode ser que a mudança de ar e de espetáculo altere a disposição do meu espírito. A vida, mormente nos velhos, é um ofício cansativo.

Como se demonstrou com as reclamações de Aires, a vida se torna cansativa. Ainda assim, esse “mau-humor” deixa de existir quando a personagem encontra o tio de Fidélia, o Desembargador Campos, e procura conversar sobre velhos tempos e sobre a moça, na passagem seguinte, “Segunda-feira” (2012, p. 11): “Sábado, ao sair a barca da Prainha, dei com o Desembargador Campos, a bordo, e foi um bom encontro, porque daí a pouco o meu mau humor cedia, e cheguei a Mauá já meio curado”. São, portanto, diversas as ocasiões em

³⁰ A Rua Nova seria a atual Travessa do Ouvidor.

que Aires debate se deve sair de casa ou não, muitas vezes optando por fazê-lo, mas ainda assim, indicando essa diferença de comportamento em relação a deslocamentos, graças à idade avançada.

2.2.2 O interior do Brasil

Ao examinarmos o mapa que representa o interior do Brasil, em *Memorial de Aires*, vemos a aparição da Paraíba do Sul, ao lado de São Paulo e Petrópolis como grandes cidades. É cidade de famílias tradicionais, portanto, assim, como as cidades já reconhecidas como requintadas em Esaú e Jacó. É entre as cidades de requinte que há trânsito da alta sociedade, incluindo, por exemplo, Mauá, caminho para Petrópolis. Observemos o mapa observando as cidades do interior, em vermelho, e as grandes cidades, em cinza, além de, é claro, nosso ponto de partida, o Rio de Janeiro, em amarelo³¹.

Figura 6 – Mapa que demonstra as cidades categorizadas como “do interior” e as “grandes cidades”.



Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

³¹ Cabe indicar que a posição escolhida para representar o Rio de Janeiro parte do Centro, especificamente, local comum a Aires e de onde sai a barca que inicia o caminho para Petrópolis na época, para indicar essa proximidade.

Primeiramente cabe indicar a conglomeração de grandes cidades em torno do Rio de Janeiro. Seja analisando a Paraíba do Sul, com seus fazendeiros e advogados de respeito – cujos filhos vêm ao Rio de Janeiro, neste caso, Fidélia e seu ex-marido –, ou Petrópolis, já analisada anteriormente como a cidade de verão daqueles que circundam a Corte e transitam nos mesmos espaços de requinte de Aires, ou ainda Mauá (caminho para Petrópolis), verifica-se que a cidade do Rio de Janeiro é essencial como espaço de análise, uma vez que gera uma ambientação de diversas cidades ao seu redor que se alimentam de sua importância.

Fidélia e seu ex-marido são alçados à categoria de Romeu e Julieta, dada a importância de suas famílias na cidade da Paraíba do Sul e, claro, ao ódio entre as famílias:

Agora, como foi que eles se amaram, - os namorados da Paraíba do Sul, - é o que Rita me não referiu, e seria curioso saber. Romeu e Julieta aqui no Rio, entre a lavoura e advocacia – porque o pai do nosso Romeu era advogado na cidade da Paraíba, é um desses encontros que importaria conhecer para explicar. (2012, p. 6)

Certamente, a constante citação a literatura europeia eleva a perspectiva acerca de tais textos, por parte de Machado de Assis. Sendo assim, era de enorme importância a cidade da Paraíba do Sul.

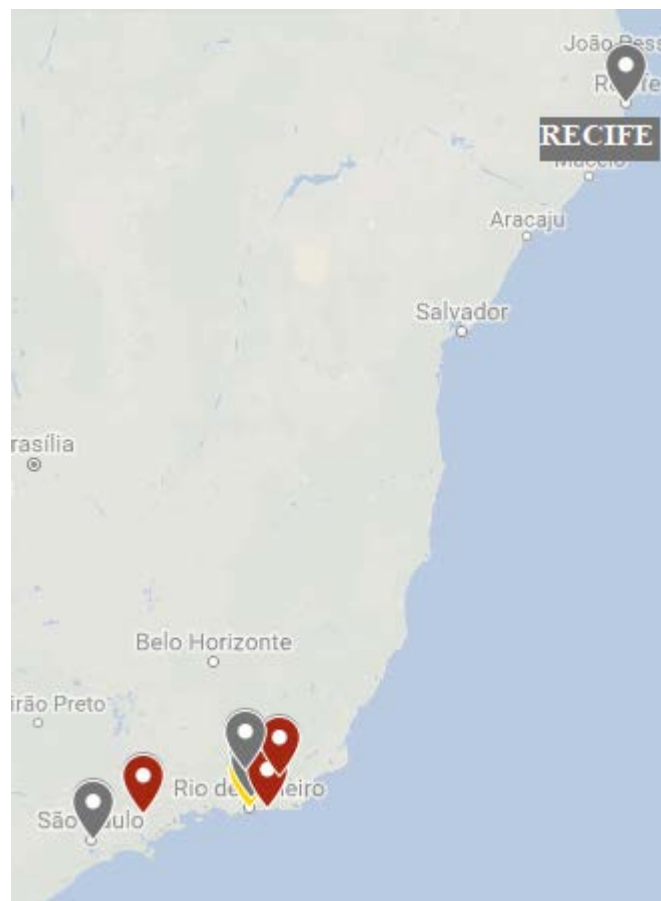
Petrópolis, na obra analisada, continua sendo a área de encontro daqueles que têm requinte, ainda que a viagem se torne mais dispendiosa para o Conselheiro. Mesmo o hotel em que o Conselheiro e o Desembargador Campos se hospedam era hotel de luxo à época, o Hotel Bragança³², conforme análise do Acervo do Museu Imperial de Petrópolis, na já aludida passagem intitulada “Segunda-feira” (2012, p. 12): “Os dois fomos para o mesmo hotel (Bragança)”. Observe-se o cuidado de incluir, entre parênteses, o nome do hotel, por parte do autor. Mauá, por sua vez, aparece como caminho para Petrópolis, reafirmando a importância da proximidade com o Rio de Janeiro.

Não se pode esquecer de São Paulo, apesar de sua maior distância. Grande cidade, onde os advogados estudam, até os dias de hoje, no Largo de São Francisco, é aludida como a cidade em que Aires estudou e onde conheceu diversas pessoas importantes, inclusive Desembargador Campos (2012, p. 11). Demonstra-se ainda, a importância das redes férreas para esse trânsito da alta sociedade, como acontecera na viagem noturna em Esaú e Jacó, entre São Paulo e Rio. Há uma discussão acerca da preferência pela viagem mais devagar, por parte de Aires e pela preferência pela nova viagem, mais rápida, por parte do Desembargador Campos.

³² Conforme análise do Acervo do Museu Imperial de Petrópolis.

Note-se que a cidade de Recife, tão aludida durante o livro não aparece neste primeiro mapa. Considera-se, também, a diferença relacionada à distância. Ainda que Recife seja uma grandiosíssima cidade, sua enorme distância serve para afastar os pais doentes de Osório da Corte do Rio de Janeiro. Osório hesita em viajar para ver o pai enfermo, para não se distanciar de Fidélia, por exemplo. (2012, p. 31) Mesmo o narrador indica: “Os pais fazem muito mal em adoecer, mormente se estão no Recife, ou em qualquer cidade que não seja aquela onde os filhos namorados vivem perto das suas damas. (2012, p. 31)” É, portanto, diferente a relação de Recife com o resto das cidades, ainda que seja uma grande cidade. Ela indica distância, mais uma vez corroborando a ideia de que a história tem motivos concretos para se ambientar no Rio de Janeiro.

Figura 7 – Mapa que demonstra a grande distância de Recife em relação ao conglomerado de cidades tratadas em Memorial de Aires



Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

2.2.3 O exterior: Onde trabalhou o Conselheiro? Quais os grandes movimentos da narrativa?

Ainda que Aires tenha trabalhado em Caracas, há a predileção pelas memórias na Europa. Quando na Europa, aparecem como comparações com o Rio de Janeiro, por meio de lembranças, indicando um caminho de modernização que a cidade deveria seguir, embora aqueles que são velhos estejam enraizados com o passado. Quando mais longínquos, ligados ao Pacífico, tornam-se mais genéricos e exóticos.

Ainda, o exterior traz três importantes movimentos considerados pendulares em *Memorial de Aires*, entre Rio de Janeiro e Lisboa, tratados a seguir.

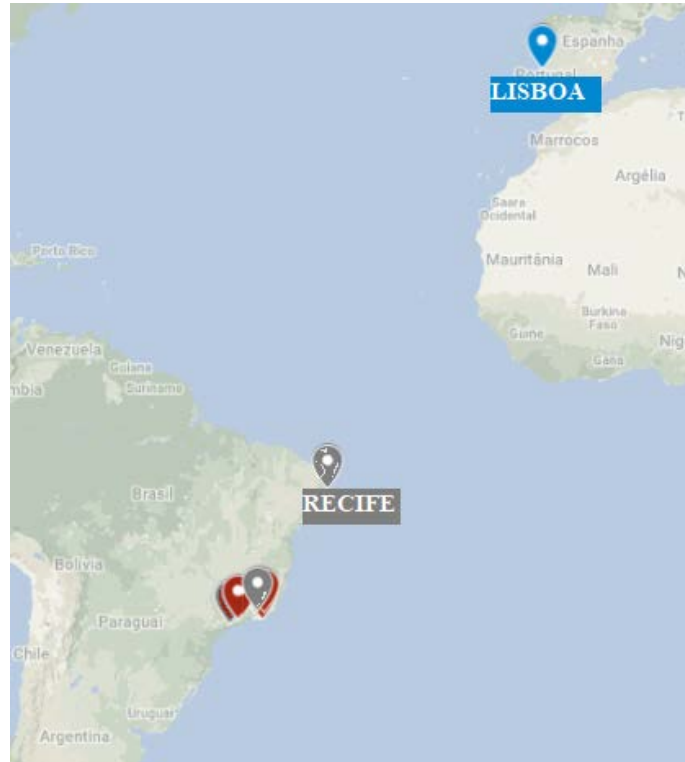
O movimento inicial de retorno do corpo do ex-marido de Fidélia de Lisboa ao Rio de Janeiro e sua grande amizade com o casal Aguiar indica, no começo do diário, o início dos interesses de Aires pela moça.

Já a ida de Tristão para a Europa com os pais traz grande tristeza para o casal, que sente falta de seu afilhado, uma vez que não pode ter filhos. Posteriormente, o movimento pendular, não esperado, gera desconfiança. Mal sabe o casal que Tristão já tem promessa para voltar a viver no Velho Continente, trazendo o aspecto da solidão aqueles que na velhice mantêm-se no Rio de Janeiro.

Por fim, a realização do movimento pendular em que Tristão retorna a fixar longe do casal Aguiar e ainda leva consigo Fidélia é a chave final para indicar a solidão do casal Aguiar, combinada a de Aires.

O grande padrão observado é que a distância do Velho Continente, quando passados longos períodos, apaga as relações afetivas. Aires vem e volta do seu Catete, reavivando seus sentimentos pela cidade do Rio de Janeiro. É também considerado que este é idoso, tendo lembranças afetivas da cidade. Para os jovens, ainda que Fidélia tenha insistido em trazer seu ex-marido de Lisboa para o Rio, acabam-se apagando as lembranças e a afetividade pela cidade do Rio, para a tristeza dos “velhos”, como o casal Aguiar. Se o amor de Osório e Fidélia não resiste à distância de Recife, analise a seguir a distância entre o conglomerado de cidades ao redor do Rio de Janeiro e Lisboa.

Figura 8 – Mapa que demonstra a distância ainda maior de Lisboa em relação ao conglomerado de cidades tratadas em Memorial de Aires e Recife



Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

É também de importante citação a literatura europeia como sinal de cultura, ainda que não sejam indicações de espaço em si. Com suas constantes citações à literatura europeia, Aires se distingue das outras personagens. Ao citar, por exemplo, Goethe, em *Fausto*, distingue-se de sua irmã, que “não tinha cultura”, apesar de ter “finura” (2012. p. 4 e 5).

3 O ESPAÇO DO RIO DE JANEIRO EM O ENCILHAMENTO

Após a extensa análise da obra de Machado de Assis, encara-se a análise da obra de Visconde de Taunay. Logo no começo dessa análise percebe-se uma restrição maior de espaços em que se deve estar para participar da Bolha do Encilhamento e lucrar com ela. Mesmo no prefácio de Veridiano de Carvalho indica-se a “encruzilhada das ruas da Alfândega e da Candelária”, comparando-lhes à rua de Montmartre, ou seja, como já visto em Machado, elevando-as à visão europeia. Também os espaços do Largo de São Francisco de Paula e do Catete são lugares considerados de “milionários”. Espaços relacionados ao centro, à Bolsa e locais luxuosos são muito mais presentes que os ambientes residenciais de Machado.

Figura 9 – Mapa criado observando os caminhos do centro da cidade em *O Encilhamento*



Fonte: VARGAS, Paula, 2018.

Sendo assim, a grande diferença que se identifica na obra do Encilhamento é dada não aos lugares em que a obra se passa, mas à forma como são tratados, como pano de fundo. Trata-se de uma narrativa que procura identificar as corrupções ocorridas à época, em forma de crítica, sem desenvolver tanto as personagens principais. Diz-se que o espaço tem muito mais importância, mas não há grandes padrões afetivos como os identificados no *Memorial de Aires*. A maior quantidade de citações se dá ao redor daqueles lugares em que figuram os “milionários”.

Percebe-se no círculo demonstrado, portanto, a maior parte dos acontecimentos da história do Encilhamento. Defende-se que a história deve se passar no Rio de Janeiro, graças ao episódio financeiro, mas que não há grandes padrões afetivos identificados.

CONCLUSÃO

A partir da extensa análise compreendida nesta dissertação, pudemos comprovar padrões distintos nas perspectivas de Machado e de Visconde de Taunay, apesar de análise do mesmo espaço durante o mesmo tempo. Com esse recorte bastante específico, foi possível analisar o ideário de transformação que permeou a mudança do século, ligada à constante modernização da metrópole e como essas mudanças são transpostos em simbolismos nos dois romances.

Para tal análise, a metodologia acerca de espaço de Bourneuf, Dimas, Moretti e Blanchot foi extremamente relevante, demonstrando a necessidade de se estabelecer padrões verificáveis e objetivos para analisar os simbolismos encontrados. Os mapas confeccionados demonstraram os principais padrões identificados, com o cuidado de estabelecer as questões de aterramento da cidade do Rio de Janeiro.

Conforme as observações, há perspectiva ligada à memória e à transformação nas narrativas analisadas, assim como a demonstração de padrões já indicados na fortuna crítica de Machado, como o simbolismo de certos meios de transporte como indicadores de riqueza. Também, a contraposição à obra de Visconde de Taunay possibilitou que se identificasse que o círculo onde os milionários transitavam em sua visão acerca da bolha econômica e, posteriormente, do Encilhamento.

Sendo assim, observou-se a produtiva congruência entre a análise das duas obras pensadas inicialmente, adicionada a outra obra anterior de Machado de Assis, com uma perspectiva mais detalhista do que se imaginava. A organicidade nas obras de Machado é clara, enquanto se torna artificial o uso do espaço em *O Encilhamento*.

Pretende-se continuar a análise de obras em relação à organicidade de uso do espaço, conforme a extensão desse trabalho que demonstrou que há bons e maus usos para a representação de um mesmo espaço em um mesmo recorte temporal. Também a *expertise* adquirida em relação a obras de arquitetos e urbanistas alheios à produção da literatura foi de grande valor para a confecção de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ANDREATTA, Verena. *Atlas Andreatta: atlas dos planos urbanísticos do Rio de Janeiro de Beaurepaire-Rohan ao Plano Estratégico*. Rio de Janeiro: Vivercidades, 2008.
- _____. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.
- ANDREATTA, Verena; CHIAVARI, Maria Pace; REGO, Helena. *O Rio de Janeiro e a sua orla: história, projetos e identidade carioca*. Coleção Estudos Cariocas, n. 1201, p. 1-16, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Esauí e Jacó*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- _____. *Memorial de Aires*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOSI, Alfredo. Uma figura machadiana. In: BOSI, Alfredo. *O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 127-148.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *O universo do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.
- DIMAS, Antonio. *Espaço e romance*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- GERSON, Brasil. *História das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Brasiliana Ed., 1965.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.
- MAGALHÃES JR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 3.
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Rio de Janeiro: uma cidade no espelho. In: _____. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- ROSS, K. Rimbaud and spatial history. *Assemblage*, n. 6, 49-61, jun. 1988. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3171044>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- TÁTI, Miécio. *O mundo de Machado de Assis*. Livraria São José, 1961.
- TAUNAY, Visconde de. *O Encilhamento: cenas contemporaneas da Bolsa em 1890, 1891 e 1892*. Rio de Janeiro: Moderna, 1894.